

**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
CENTRAL DE CURSO DE EXTENSAO E
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
MBA EM JORNALISMO ESPORTIVO**

Larissa Cristina Rodrigues

**TORCIDA ORGANIZADA EM GOIÁS X IMPRENSA GOIANA: POR QUE ESSA
RELAÇÃO É TÃO COMPLICADA?**

GOIÂNIA

2014

**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
CENTRAL DE CURSO DE EXTENSAO E
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
MBA EM JORNALISMO ESPORTIVO**

Larissa Cristina Rodrigues

**TORCIDA ORGANIZADA EM GOIÁS X IMPRENSA GOIANA: POR QUE ESSA
RELAÇÃO É TÃO COMPLICADA?**

Monografia apresentada à Central de Cursos de Extensão e Pós-Graduação Lato Sensu como requisito parcial para conclusão do Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo.

Professora Orientadora: Ms. Leliane
Aparecida Castro Rocha

GOIÂNIA

2014

**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
CENTRAL DE CURSO DE EXTENSAO E
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
MBA EM JORNALISMO ESPORTIVO**

Larissa Cristina Rodrigues

**TORCIDA ORGANIZADA EM GOIÁS X IMPRENSA GOIANA: POR QUE ESSA
RELAÇÃO É TÃO COMPLICADA?**

AVALIADORES:

Profa. Ms. Leliane Aparecida Castro Rocha _____

Prof. Ms. Raul Fonseca da Silva _____

GOIÂNIA

2014

*Aos torcedores goianos que permitiram o meu contato e se abriram aos questionamentos sem
medo algum.*

*Aos colegas jornalistas que não temeram dar suas opiniões e foram de real importância para
que esse trabalho desse certo.*

Aos professores que colaboraram até aqui para minha formação e com muita informação.

À amiga Marina Sant'anna que me introduziu no mundo das torcidas.

Àqueles que fizeram com que minha paixão pelo futebol se desenvolvesse.

Ao futebol goiano.

“O desporto arma-se de tanta expressão que seu espírito deixa de ser inerente ao desportista para transcender à sociedade”.

Lyra Filho.

RESUMO

O futebol move paixões e o Brasil. Por trás desse esporte de massa, foram se formando outras instituições que dão sustentação ao futebol, entre elas, as torcidas organizadas (TOs) e o jornalismo esportivo. Em Goiás, jornalistas e torcedores possuem uma relação complicada, já que as torcidas são estereotipadas e consideradas violentas pela imprensa. Da mesma maneira, a imprensa é vista como sensacionalista e parcial por esses torcedores. O presente trabalho entra no universo das torcidas organizadas goianas e do jornalismo esportivo do estado para mostrar, por meio de um estudo de caso e usando entrevistas como ferramenta, como agem e o que pensam os membros das TOs e esses profissionais da mídia. Aqui, serão apresentadas opiniões que torcedores e jornalistas têm de si mesmos e do outro; e como o preconceito é arraigado, principalmente do jornalista esportivo goiano com as organizadas. Serão apresentados ainda números que comprovam esse preconceito, além de, em segundo plano, será possível entender como são formadas as torcidas organizadas de Goiás, quem são os jornalistas esportivos goianos e um pouco sobre a história do futebol do estado. Antes de apresentar o estudo de caso, a parte teórica abordará a história do futebol no mundo, no Brasil e em Goiás, as torcidas organizadas brasileiras e goianas, o jornalismo e o jornalista esportivo, além da influência da mídia na maneira como as sociedades goiana e brasileira encaram as torcidas organizadas. “Torcida Organizada em Goiás x Imprensa Goiana: por que essa relação é tão complicada?” irá ainda explicar de onde vem a violência presente no futebol e o que se deve fazer para a diminuição dessa violência, embasado em estudiosos do esporte, principalmente da área da sociologia. Falhas do poder público, caminhos a serem tomados a curto, médio e longo prazo, além da inocência dos torcedores nos problemas relacionados ao futebol serão encontrados aqui.

Palavras chave: futebol, torcida organizada, jornalismo, Goiás, violência, preconceito.

ABSTRACT

Football moves passions and Brazil. Behind this mass sport, other institutions were formed to sustain football, such as supporters groups and sports media. In Goiás, journalists and supporters have a complicated relationship, since fan groups are stereotyped and considered violent by the media. In the same way, the media is seen as sensationalist and biased by the fans. The present work shows the universe of the football fan groups and sports media in the state, through a case study and using interviews as tools, to show how members of fan groups and media professional act and think. Here are presented opinions of supporters and journalist about themselves and their opposites, and how prejudiced they are, specially sports journalist against the fan groups. We show data proving this prejudice and, in the background, we can understand how fan groups are formed in Goiás, who are the sports journalists in the state and some of the history of the state's football. Before introducing the case study, the theoretical part will approach the history of football in the world, in Brazil and in Goiás, the fan groups in Brazil and in Goiás, journalism and the sports journalist, besides the influence of the media on the way the society in Goiás and Brazil see supporters groups. "Football Fan Groups x Press in Goiás: Why is this relationship so complicated?" will explain where the violence in football came from and what is necessary to diminish such violence, based in scholars of sports, especially in sociology. Failure of public power, paths to be taken in short, medium and long term, besides the innocence of supporters in the problems related to football are to be found here.

Keywords: football, fan groups, journalism, Goiás, violence, prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
JUSTIFICATIVA.....	10
REVISÃO DA LITERATURA.....	12
1. O Futebol.....	12
1.1. A história do futebol no Brasil.....	13
1.2. A história do futebol em Goiás.....	16
2. Torcidas Organizadas (TOs).....	18
2.1. De onde vem a violência?.....	21
2.2. O que pode ser feito para reduzir a violência no futebol?.....	24
2.3. O que diz o Estatuto do Torcedor?.....	26
2.4. Torcidas organizadas em Goiás.....	28
3. O jornalismo esportivo.....	30
3.1. O jornalista esportivo.....	31
3.2. Jornalista esportivo e sua influência.....	33
3.3. O jornalista esportivo e seu poder limitado.....	35
4. METODOLOGIA.....	38
4.1. Questionário aplicado com jornalistas esportivos goianos.....	40
4.2. Questionário aplicado com torcedores membros de torcidas organizadas.....	41
5. ESTUDO DE CASO.....	42
5.1. Números.....	53
5.2. Característica dos entrevistados.....	54
5.3. História das organizadas goianas.....	55
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

A torcida organizada no Brasil é quase tão antiga quanto o futebol no país. Andando lado a lado com os times desde 1939, quando a Torcida Uniformizada do São Paulo deu seus primeiros passos como a primeira organizada brasileira. De lá para cá, inúmeras torcidas apareceram e foram crescendo, juntamente com quem se coloca contrário a sua existência.

Hoje, torcida organizada tornou-se, para muitas pessoas, sinônimo de violência e vandalismo. Isso porque, algumas das principais torcidas sofrem com criminosos infiltrados que, sem um poder público ativo e com o Estatuto do Torcedor inoperante, encontram espaço dentro das organizações para promover baderna e muitas vezes assassinatos em massa.

Esse estigma de que torcida organizada é violenta tornou-se ainda mais forte quando, na década de 90, houve um conflito entre as torcidas Independente, do São Paulo, e Mancha Verde, do Palmeiras, durante partida da final da Supercopa São Paulo de juniores, no Estádio do Pacaembu. O episódio ficou conhecido como “Batalha Campal do Pacaembu” e deixou 110 feridos e um morto, o são-paulino Márcio Gasperin da Silva.

Os conflitos há tempos ultrapassaram a barreira Rio de Janeiro, São Paulo e Sul do país, onde encontram-se os maiores times do Brasil. O estado de Goiás tornou-se sinônimo de violência de torcidas organizadas. É comum a imprensa goiana noticiar assassinatos que teriam como motivação a rivalidade entre clubes, em principal, os dois maiores do estado: Goiás e Vila Nova. A torcida organizada Força Jovem, do Goiás, aparece, ao lado da palmeirense, como uma das mais violentas nos últimos dois anos.

Mas, se de um lado alguns torcedores prejudicam os times, do outro, as torcidas organizadas são estereotipadas e punidas enquanto instituição. Não há um trabalho de reconhecimento e punição para o torcedor vândalo e a culpa é direcionada para todos, inclusive para os torcedores que de fato estão nas organizadas apenas para torcer. Em Goiás, essa realidade é tão gritante que desde fevereiro de 2013 as três principais torcidas do estado estão proibidas, por liminar, de exercer suas atividades e uma ação civil pública tramita para que elas sejam paralisadas nos próximos cinco anos.

Para o torcedor goiano, a imprensa coloca a culpa da violência no futebol nas torcidas, fazendo com que toda a sociedade rebele-se contra elas. Para alguns jornalistas, as torcidas em Goiás são de fato violentas, formadas apenas por bandidos e, por isso, devem ser eliminadas. Para outros profissionais da imprensa, faltam ações do poder público, para que o torcedor de bem não seja punido juntamente com o torcedor violento.

Durante o decorrer deste trabalho será possível entender, de fato, como as torcidas se veem, como são vistas pela imprensa e o preconceito existente dos dois lados. Uma pesquisa foi desenvolvida com componentes de torcidas organizadas goianas e jornalistas esportivos do estado. Assim, será descortinada a relação imprensa *versus* torcedor, até então pouco aprofundada em Goiás.

“Torcida organizada x Imprensa Goiana: por que essa relação é tão complicada?” traz o resultado de um estudo de caso, desenvolvido por meio de entrevistas, com membros das três principais torcidas organizadas de Goiás (Força Jovem, Esquadrão Vilanovense e Dragões Atleticanos). Foram entrevistados ainda cronistas esportivos mais novos e também os mais antigos. Ao final, juntamente com a bibliografia sobre o assunto, a conclusão será apresentada.

JUSTIFICATIVA

Na última década do século passado, Waldenyr Caldas (1990) já enfatizava que a força do futebol no Brasil assume magnitude suficiente para levar a pensar que a grande paixão popular brasileira nasceu quando Charles Miller chegou a São Paulo com uma bola de futebol. Segundo ele, surgia nesse momento uma relação de amor.

E essa relação de amor move os bastidores do futebol. Se hoje o esporte está profissionalizado, com o poder econômico ditando as regras, por trás dos times há pessoas que são movidas apenas por paixão: os torcedores. O amor e a idolatria de alguns torcedores chegam a ultrapassar a barreira do racional e não raramente acontecem confrontos entre torcidas. Em Goiás, entre 2010 e o início de 2013, pelo menos 18 mortes teriam sido motivadas pela guerra entre torcidas rivais, como mostra matéria do principal jornal impresso do estado.

No entanto, essa matéria é uma exceção. Poucos veículos de comunicação goianos trazem em suas coberturas diárias o assunto torcida organizada e, quando o tema é levantado, as matérias são sobre crimes realizados pelos torcedores, isto é, quase nunca uma abordagem positiva aparece. Isso seria um dos motivos que faz com que as organizadas em Goiás não tenham uma boa relação com a imprensa local.

Outros motivos, claro, existem. A relação imprensa *versus* torcedores é cercada por conflitos. Conflitos, muitas vezes, incompreensíveis. Mas é preciso entender o porquê disso, tendo em vista que as duas classes carregam consigo o fato de serem peças fundamentais para a existência do futebol goiano. É a imprensa que espalha a paixão da torcida e é o torcedor por meio dessa paixão que move o mundo milionário do esporte.

Então, para tentar entender o motivo de uma relação que, em tese deveria ser amigável, mas tornou-se conturbada, essa monografia será construída. A intenção é chegar a um padrão da visão midiática goiana sobre as torcidas organizadas e de como os torcedores enxergam a si mesmos, além de como veem o trabalho da imprensa esportiva do estado, em especial, a cobertura dos eventos positivos realizados pelas organizadas e também as denúncias de uso de violência por trás dessas associações.

Considerando que o assunto torcida organizada é pouco debatido no Brasil, em especial em Goiás, torna-se importante a monografia “Torcida Organizada em Goiás x Imprensa Goiana: por que essa relação é tão complicada?”. Alguns trabalhos até foram realizados no estado, mas nenhum deles abordou a relação torcida organizada *versus*

imprensa. Uma contradição, sendo que o estado já foi considerado o quarto do país em força no futebol quando se trata de levar torcedores aos estádios, e, ao mesmo tempo, o terceiro mais violento no esporte.

Mesmo com dados alarmantes a maioria da imprensa goiana faz questão de ignorar o assunto e continuar trabalhando com esporte como se a violência realizada pelas organizadas, ou até mesmo a força que o torcedor tem nos times, não interferissem no futebol local. Esse trabalho tem como objetivo descortinar as organizadas de Goiás, abordar assuntos até então evitados e ao tentar trazer à tona o que tanto tentam esconder sobre as torcidas de Goiás, torna-se necessário para a história do futebol goiano e até brasileiro.

REVISÃO DA LITERATURA

1. O futebol

O presente trabalho trará uma análise das torcidas organizadas em geral, como também do jornalismo esportivo e o que há por trás disso: violência, sociedade carente, estatuto do torcedor ineficiente, influências externas e omissão. Lembrando apenas que tudo isso tem como pano de fundo o futebol, um esporte mundialmente reconhecido, influente e milionário.

O futebol surgiu na Inglaterra na metade do século XIX. Esse esporte até então diferente, praticado com os pés e não com as mãos, teve sua origem na elite inglesa. Era um esporte para ricos lá fora e assim também chegou ao Brasil.

Alguns autores acreditam que o futebol se espalhou e deu certo porque é algo impossível de ser parado. Um esporte que envolve paixão e fanatismo.

[...] parece que existe algo na estrutura do futebol que lhe confere uma grande atração no moderno, uma atração que parece ser relativamente independente do nível de desenvolvimento dos países e das características sociopolíticas dos respectivos governos (MURPHY et al, *apud* ELIAS; ESCHER; REIS, 2006, p.23)

Para Escher e Reis (2006), o futebol consegue tamanha aceitação em todo o mundo por permitir a manifestação das emoções humanas. “O torcedor pode sentir a esperança de ver sua equipe marcar gols, vencer o jogo e o medo e o desapontamento da derrota ou de um jogo ruim” (ESCHER; REIS, 2006, p.23).

Alguns especialistas apontam ainda outros fatores para tamanha popularização, como: a facilidade da disputa do futebol, que pode ser jogado em qualquer lugar e espaço; o imprevisível, já que o futebol é jogado com os pés, normalmente o jogo é aberto e não se sabe o resultado; um esporte barato, pois são necessárias apenas uma bola e uma chuteira, sendo que a chuteira algumas vezes é até dispensável; é simples, uma vez que existem apenas 17 regras universais, fácil de ser entendido e tem uma linguagem simplificada; e, claro, democrático, para todas as pessoas, de todos os lugares e com qualquer tipo de formação.

Se o futebol encontra terreno fértil em diversos lugares devido as suas características peculiares, no Brasil, foi onde mais deu frutos. As características do povo brasileiro não demoraram a casar com o esporte.

[...] O futebol é o esporte preferido de 70% da população brasileira. É o mais popular e apaixonante, além de mais constante na vida dos brasileiros. [...] No

Brasil (e alguns outros países também), o futebol é uma verdadeira paixão coletiva e mexe com quase todas as pessoas, de diferentes grupos e classes sociais, de variados padrões de renda e escolaridade, culturas e regiões (MURAD, 2012, p.17-18).

Com o passar do tempo, o que já acontecia na Europa chegou também ao Brasil. O esporte começou a ser profissionalizado, transformando-se em um produto rentável, uma mercadoria. “O futebol torna-se mais um produto de consumo e uma nova forma de acumulação do capital, tendo um papel primordial no setor de serviços e na indústria do turismo”. (ESCHER; REIS, 2006, p. 28).

Hoje, o futebol é tão desenvolvido no país que chega a ser considerado um instrumento de modificação social. No decorrer deste, o lado positivo do futebol será apontado, mas, antes de ter o esporte como salvação para os problemas da sociedade brasileira, como instrumento de melhora social, é importante que uma análise seja realizada.

[...] Deve-se, porém entender o esporte no âmbito do processo civilizador, não segundo uma visão idealista e ingênua, como fazem alguns autores, que consideram o esporte um componente da cultura popular e que acreditam que a partir dele conseguiremos transformar a realidade existente (ESCHER; REIS, 2006, p.29).

Já o sociólogo Maurício Murad (2012) é um pouco mais otimista:

[...] O futebol pode ser, ainda, um processo lúdico, que ajuda a reeducar, em particular crianças e jovens. Tem potencial para isso, já que sua lógica e funcionamento estão fundamentados, pelo menos em tese, na igualdade de oportunidades, no respeito às diferenças e na assimilação de regras e normas de convivência com o outro. Não é panacéia, isto é, remédio para todos os males, mas que ajuda, ajuda (MURAD, 2012, p.14-15).

Toda essa ideia do futebol enquanto objeto de transformação, parte do princípio da meritocracia. Como se aquele menino que, quando criança, joga bem, bom de bola - como o vocabulário popular traz – ao provar seu potencial de imediato tivesse ascensão, fama e bons contratos de trabalho em grandes times. No entanto, a realidade é bem mais cruel.

1.1. A história do futebol no Brasil

Que o futebol tem o jeito, a cara e o gingado do brasileiro é indiscutível. Mas como é que ele saiu da então longínqua Londres e desembarcou em terras tupiniquins? Foi em 1894 que Charles Miller voltou para São Paulo com um objeto hoje impossível de não ser reconhecido: a bola. Filho de ingleses, mas brasileiro, foi no berço desse esporte que o jovem aprendeu os fundamentos básicos do futebol.

Charles nasceu em São Paulo. Naquela época era comum entre os mais ricos mandar seus filhos para completar os estudos em outros países. Descendente de ingleses, o garoto foi mesmo para a Inglaterra, aos nove anos. Voltou dez anos depois, um pouco mais desenvolvido intelectualmente, mas, o que de fato desenvolveu na Europa foi a habilidade com os pés. Quando ele desembarcou no Brasil trouxe para cá o que se tornaria a grande paixão popular brasileira, como acredita o senso comum: o futebol.

Diversos autores foram consultados para a realização desta pesquisa. Sobre o início do futebol no país, às vezes os autores se contradizem. Há dois clubes apontados como pioneiros do esporte no Brasil: São Paulo Athletic Club (que deu origem ao atual São Paulo Futebol Clube) e a Associação Atlética Mackenzie. Os dois datam da década de 1890. No Rio de Janeiro, o primeiro clube a ser criado foi o Fluminense, em 1902.

Como citado no tópico anterior, na Inglaterra o futebol começou com as elites. O que não mudou em sua chegada ao Brasil. No início, acredite, alguns jogadores entravam em campo de gravata. Foi necessário anos até que a massificação acontecesse.

[...] Somente a partir de 1908, com a criação de vários clubes de futebol, os homens pertencentes a qualquer classe social tiveram o direito à prática do futebol, mesmo assim sofrendo algumas restrições. [...] Corinthians e Flamengo foram os primeiros dos grandes clubes brasileiros, além do Vasco, a abrirem suas portas a atletas não pertencentes à elite, inclusive os negros (ESCHER; REIS, 2006, p. 36-37).

Foi a vez, então, dos operários, antes meros expectadores, acompanharem de dentro de campo o esporte. Foi a vez da sede de vitória e a gana por títulos crescerem tanto que já não se justificava mais deixar de fora quem podia tanto colaborar no resultado do jogo. O futebol deixou de ser uma mera brincadeira e passou a ser uma indústria.

[...] o amadorismo, que serviu para deixar de fora quem não fosse da aristocracia, estava virando uma intenção apenas de fachada. Vários jogadores já atuavam sob contrato em São Paulo, como Mac Lean no Americano de Santos e o zagueiro Asbury no Paulistano, entre vários outros. [...] porque o “espírito esportivo” dos primeiros anos já cedia lugar à obsessão pela vitória e por títulos (GUTERMAN, 2010, p. 50).

E é quando o esporte torna-se de interesse geral, que começa o casamento do futebol com a imprensa. O jornalismo esportivo será abordado posteriormente em um capítulo à parte. Aqui, apresentam-se autores que afirmam que a história do futebol no país mistura-se com a história do próprio Brasil. Guterman (2010), diferentemente de outros pesquisadores apresentados até agora, dá importância tamanha ao esporte. Ele chega a explicar as fases pelas quais o país passou com as fases passadas pelo futebol.

[...] e a popularidade do esporte inglês no Brasil, com o irresistível acesso das classes baixas ao universo antes reservado às elites nas duas primeiras décadas do século XX, de certa forma emula a transformação crítica do Brasil na mesma época, levando a intelectualidade brasileira a discutir de modo apaixonado não somente modelos políticos, mas também, o que nos interessa aqui, a própria identidade nacional (GUTERMAN, 2010, p.55)

Vale lembrar uma frase famosa do escritor peruano Mario Vargas Llosa que explica porque tantos teóricos tentam aproximar a sociedade do futebol. Para ele, “o futebol é o ideal de uma sociedade perfeita: poucas regras, claras, simples, que garantem a liberdade e a igualdade de dentro do campo, com a garantia do espaço para a competência individual”.

Murad (2012), apesar de um pouco mais realista, até se aproxima de Guterman (2010), quando afirma que a história do nosso futebol pode ser considerada parte da história da luta social brasileira. “Por aqui, o futebol é bem mais do que um esporte: é uma identidade, um símbolo cultural coletivo, por isso tem tanta importância e exerce tamanho impacto em nossa vida”. (MURAD, 2012, p.21).

Guterman é historiador e por isso faz um paralelo onde compara momentos da história brasileira com momentos passados pelo esporte. Para ele, o esporte tem poder de influência e colabora para que certas coisas aconteçam ou não no país. Ele não separa o futebol da vida que acontece fora das quatro linhas.

[...] o futebol, pelo contrário, não é um mundo à parte, não é uma espécie de “Brasil paralelo”. É pura construção histórica, gerado como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. O futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil (GUTERMAN, 2010, p.9).

O escritor é de real importância para a construção deste trabalho. Assim como a ideia principal desta monografia, Guterman acredita no lado positivo do futebol. Ele vê o esporte com um poder de transformação e o futebol de modo geral, com todos os seus autores e problemas, como algo que pode colaborar por um novo Brasil.

Para que isso aconteça é preciso apenas mais atitudes por parte do poder público. No decorrer deste, e durante a apresentação do estudo de caso local, voltado ao futebol goiano, ficará claro como o futebol e seus torcedores são marginalizados por incompetência de muitos e omissão de outros tantos. Durante a introdução de sua principal obra Guterman (2010) diz: “Este livro, portanto, é otimista. Eu o escrevi por acreditar que, tanto no futebol como na vida brasileira, mesmo um time mais fraco é capaz de vencer”.

1.2. A história do futebol em Goiás

Em Goiás, o material que aborda o início do futebol ainda é escasso. Poucos estudiosos pesquisaram o início do desenvolvimento do esporte no estado. Assim como estudiosos das torcidas organizadas locais, faltam teóricos dispostos a investir tempo e estudo para entender o futebol goiano.

Segundo alguns estudiosos, o futebol foi introduzido em Goiás nos primeiros anos de 1900 pelo engenheiro Valter Sócrates do Nascimento, que passou um período na cidade de São Paulo, onde teve contato com o novo esporte. No entanto, outras obras dão conta que o futebol goiano nasceu em Vila Boa, em 1907. Na época capital do Estado, hoje o município é chamada Cidade de Goiás. A iniciativa no princípio do futebol na antiga capital goiana teria sido de alguns estudantes vindos também de São Paulo. Peladas eram realizadas quase diariamente no Largo do Chafariz, na Vila Boa.

A profissionalização começou mesmo em 1936, com a fundação do primeiro clube do Estado: o União Americana Esporte Clube, já em Goiânia, cidade construída para ser a nova capital de Goiás. Paralelamente a ele, outros times começaram a surgir no estado, mas não sobreviveram muito. Daquela mesma época existem ainda Atlético, Goiânia, Vila Nova e Goiás.

O Atlético Clube Goianiense (ACG) foi o primeiro time de futebol da atual capital goiana. Com as cores iguais a do Flamengo e o símbolo nos moldes do São Paulo Futebol Clube, o Dragão da Campininha, como é conhecido, foi fundado em 1937. O primeiro presidente do Atlético foi Antônio Accioly, o responsável por conseguir o terreno onde hoje está localizado o estádio do clube. Em sua homenagem, a arena leva o nome do ex-presidente.

O Goiânia Esporte Clube surgiu em 1938. No início da história do futebol do estado estava entre os maiores clubes de Goiás. Com o tempo, por incompetência de alguns dirigentes, acabou diminuindo de tamanho e orçamento, por pouco não veio a acabar. Hoje disputa a segunda divisão do campeonato goiano.

[...] O glorioso e belo uniforme ficou definido com as cores preto e branca, quando ganhou logo uma definição: camisas pretas com golas brancas, trazendo o mapa do Estado de Goiás. Os calções seriam brancos, com meias pretas.¹

O Goiás Esporte Clube (GEC) foi um dos últimos, dos times hoje tidos como grandes, a ser fundado. Suas atividades iniciaram em 1943, com um grupo de amigos.

¹ Trecho tirado do site do clube. Seção “História”.

[...] Foi na calçada, embaixo de um poste, que surgiram os primeiros passos de um sonho, chamado Goiás Esporte Clube. Para jogar a primeira partida de sua história, contra o Atlético Goianiense, o time sem recursos, utilizou camisas (verdes com listas horizontais brancas) doadas pelo América Mineiro. Só que os mineiros só puderam dar nove camisas e foi preciso completar com duas inteiras brancas. (Goiás Esporte Clube, 2013, p. 1).

Até hoje, as cores predominantes do time são o verde e o branco. É o clube goiano que chegou mais longe em grandes competições. Foi campeão duas vezes da série B do Campeonato Brasileiro (1999 e 2012), tem um vice-campeonato da Copa do Brasil (1990), um vice-campeonato da Copa Sul-Americana (2010) e chegou ao terceiro lugar no Campeonato Brasileiro de 2005, disputando a Copa Libertadores da América no ano seguinte.

O Vila Nova, segundo seu site oficial, começou em 1938, quando o padre José Balestiere fundou a Associação Mariana, um clube que tinha o objetivo de incentivar os laços das comunidades católicas da região e propiciar lazer aos moradores. A fundação oficial do clube aconteceu no ano de 1943.

O primeiro Campeonato Goiano de Futebol foi realizado em 1944. Naquele ano, apenas cinco times disputaram a competição: Vila Nova, Atlético, Goiânia, Goiás e Campinas, fundado em 1943 (hoje extinto). O primeiro campeão foi o Atlético Clube Goianiense.

Atualmente, o Goianão conta com dez times. São eles: Associação Atlética Anapolina, Associação Atlética Aparecidense, Anápolis Futebol Clube, Atlético Clube Goianiense, Clube Recreativo e Atlético Catalano (CRAC), Goianésia Esporte Clube, Goiás Esporte Clube, Grêmio Esportivo Anápolis, Trindade Atlético Clube e Vila Nova Futebol Clube.

As três maiores forças do estado, atualmente, são Goiás Esporte Clube, que está na série A do Campeonato Brasileiro, Atlético Clube Goianiense, que está na série B, e Vila Nova Futebol Clube, também na série B. Por serem as maiores forças, esses clubes, consequentemente, têm as maiores torcidas organizadas. São elas objeto de estudo deste trabalho.

2. TORCIDAS ORGANIZADAS (TOs)

Entendido como o futebol começou no Mundo, no Brasil e em Goiás, é importante agora entender o que são as torcidas organizadas. Elas são formadas por torcedores. A palavra “torcedor” tem sua origem de forma no mínimo curiosa no Brasil.

[...] Numa crônica do início do século XX, o escritor e dirigente do Fluminense, Coelho Neto, disse que as mocinhas casadoiras torciam seus lencinhos de renda pelos jogadores preferidos dentro de campo, também pensando neles como pretendentes a marido. Essas mocinhas receberam o nome de torcedoras, e, em outra crônica, a expressão se estendeu a todos, homens e mulheres (MURAD, 2012, p.36).

Os torcedores no Brasil começaram a se unir dando início às torcidas organizadas em 1939, com torcedores ligados ao São Paulo Futebol Clube. De lá para cá, as torcidas se fortaleceram e foram mudando. Hoje, atuam ainda mais nos bastidores e por isso chegam a ser temidas por alguns dirigentes, como mostra o artigo “Torcida Organizada não é sinônimo de violência e sim de organização e torcer verdadeiramente pelo seu time”:

[...] Torcida organizada é definida como um grupo de torcedores que acompanham constantemente os times durante suas partidas no estádio, e se vestem e se comportam de maneira coletiva. É bastante óbvio que, inserido em universo capitalista e comportando um grande número de torcedores, os times e as associações responsáveis pelas torcidas organizadas passaram a comercializar produtos referentes aos times a um alto custo, fato que torna a massa das torcidas organizadas um meio altamente lucrativo (RONDINELLI, 2013, p.1.).

Lembrando que, apesar de friamente os torcedores organizados serem definidos apenas como um grupo com o mesmo objetivo, por trás dessas organizações o que mais existe é paixão, na maioria das vezes inexplicável. Em determinado momento ou grau de fanatismo, é como se esse torcedor não tivesse mais alternativa a não ser continuar torcendo e acompanhando seu time.

[...] Sendo assim, o clube do coração deixa de ser uma escolha momentânea, cabendo ao torcedor o ônus da opção. Torcer é o mesmo que pertencer, o que significa literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância ou significado assumido pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor. (DANO, *apud* CANALE, 2012, p. 87).

Quando o torcedor faz parte de uma organizada é como se todos os sentimentos relacionados ao time do coração fossem multiplicados. É tudo muito exacerbado, tanto para o lado do apoio ao time, quanto da rivalidade envolvida. O torcedor organizado passa a viver

outra realidade quando junto de seus iguais, às vezes assumindo uma personalidade mais forte e violenta.

[...] Logo, pensar as rivalidades das torcidas organizadas como as mesmas dos clubes é incorrer em simplismo que negam a especificidade histórica e a importância enquanto instituição autônoma das torcidas organizadas. Mesmo que o norteador dessas torcidas seja o apoio ao clube elas trilham uma história a parte que podem constituir vínculos de amizade e inimizades diferentes. (CANALE, 2012, p. 93).

Tido como lazer, nas torcidas organizadas o futebol pode chegar a ser sentido de vida, literalmente. Como veremos mais adiante, para muitos torcedores as TOs são os únicos lugares onde eles exercem papéis de liderança, união, senso de luta e até mesmo a esperança de dias melhores. Por isso, nas torcidas organizadas o ambiente é propício a certas emoções.

[...] O desespero sentido por um torcedor na derrota de sua equipe tem um significado outro que uma situação de risco de vida, contudo não é menos real ou menos sentida. O esporte, apesar do conceito de mimese que acompanha as atividades de lazer, tem uma relação diferente dos outros campos do lazer em especial as artes devido o embate entre indivíduos ou grupos que eles proporcionam e a catarse a partir disso, um modo especial de catarse. (CANALE, 2012, p. 98).

Aqui Murad (2012) explica claramente como, para alguns, as torcidas organizadas tomam um significado imensurável.

[...] Na maioria dos casos ouvidos em nossas pesquisas, é comum os jovens infratores se sentirem sem perspectiva, desamparados, sem apoio familiar, sem amigos de verdade. Na falta de uma referência familiar consistente, necessária à vida em sociedade, é habitual declararem que a torcida organizada é sua verdadeira família – família formada não por parentes, mas por quem eles próprios escolheram (MURAD, 2012, p. 57).

Mas, apesar do futebol ter toda essa significação na vida do torcedor organizado, a recíproca na maioria das vezes não existe. Mesmo tornando-se importantíssimas para a existência dos clubes de futebol, significando lucro e apoio, as organizadas começaram a ser deixadas de lado pelos próprios times que apoiam. Não raramente, principalmente em Goiás, dirigentes afirmam não serem responsáveis por suas torcidas. Fato que passou a acontecer principalmente depois que a violência tornou-se marca em algumas organizadas pelo país.

O confronto entre torcidas, que já ocorria na Europa, começou a fazer parte do cenário brasileiro. O fato marcante aconteceu em 1995, pois dessa data em diante as torcidas organizadas foram tarjadas como violentas pela sociedade brasileira.

A partir de 1995, após seguidos casos de brutalidade e o emblemático assassinato de Márcio Gasparim, de 16 anos, que foi espancado e agredido a pauladas no episódio conhecido como “Batalha Campal do Pacaembu” – onde Mancha Verde e Independente se confrontaram em 20 de agosto daquele ano – que resultou na morte do adolescente e em mais 101 feridos, medidas mais severas para coibir este tipo de evento foram tomadas: o promotor Fernando Capez ficou famoso como um dos principais “perseguidores” dos bandidos uniformizados, que eram muitos e viviam infiltrados nas torcidas como forma de proteção (JEUKEN, 2011, p. 1).

O advento das torcidas organizadas na década de 90 – refletido de imediato na maior aglomeração de torcedores e, como em qualquer aglomeração em outros segmentos da sociedade, nos registros de violência – refletiu também na maneira como a sociedade passou a encarar o torcedor. E é a partir daí que os primeiros problemas entre torcedores e jornalistas esportivos pelo Brasil começam a aparecer.

Assim como muitos policiais e a própria sociedade, alguns cronistas esportivos começaram a ver as organizadas como facções criminosas. Mas, para os torcedores, essa visão é totalmente equivocada. Seriam, segundo eles, as torcidas infiltradas por alguns marginais, como acontece em outros segmentos. Essa certeza da maioria das organizadas é compartilhada por alguns dos mais reconhecidos estudiosos do assunto torcidas organizadas:

[...] A violência no futebol não é uma criação das torcidas organizadas. Muito antes dos movimentos das torcidas organizadas, já eram registrados eventos violentos. [...] Podemos atribuir vários fatores para a violência que aconteceu no Pacaembu naquele ano. O estádio passava por reformas, e havia uma pequena força policial despreparada para conter a rivalidade entre as torcidas, que se aproveitaram dos restos de construção do estádio. O torcedor, portanto, não é o único culpado pelas situações de violência. E a torcida organizada, muito menos (CANALE, 2012, p.20)

Ainda segundo Vitor Canale, a imprensa é sim uma das culpadas pela visão que a sociedade tem atualmente das organizadas: pura violência.

[...] As torcidas organizadas passaram a ser condenadas de modo recorrente pela mídia e pelo poder público como responsáveis pela violência nos estádios. [...] A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a Federação Paulista de Futebol (FPF) culparam as torcidas organizadas, fazendo uma caça às bruxas geral. O interesse foi transmitir ao país uma imagem que, com o fechamento das torcidas organizadas, seria também o fim da violência (Jornal da Unicamp, 2012, p. 1)

Vitor Canale desenvolveu essa pesquisa durante a dissertação de mestrado e foi orientado pela pesquisadora Heloisa Reis. Heloisa é consultora do Ministério do Esporte e considerada a principal pesquisadora brasileira quando o assunto é a violência associada ao esporte. A professora desenvolve pesquisas sobre violência esportiva há mais de 10 anos e compartilha da ideia de que a mídia e a sociedade marginalizam as torcidas organizadas de

todo o Brasil.

Durante visita a Goiânia, em junho de 2013, Heloisa teve a oportunidade de conhecer as torcidas goianas, que estão proibidas por liminar de comparecerem aos estádios e se organizarem. Ela falou sobre essas torcidas.

[...] Heloisa Reis afirmou que as torcidas organizadas são movimentos sociais, que “ocupam um espaço mínimo que sobrou para a juventude se sociabilizar, se politizar e se expressar.” Heloisa destacou também que as torcidas organizadas têm seu espaço constitucionalmente legítimo e que a contenção da violência começa pelo diálogo. “Em meus 18 anos de estudos na Espanha, em Portugal, no Brasil, pude perceber que as políticas de prevenção à violência que tiveram sucesso têm sempre como premissa o diálogo” (MARQUES, 2013, p. 1).

Heloisa acredita que a visão da sociedade de que torcida organizada é composta apenas por vândalos é dessa maneira devido a influência da imprensa.

[...] Heloisa vasculhou em detalhes a contribuição dos jornais, rádios e televisão para o problema. Para 47% dos entrevistados, a mídia estimula a violência ao explorá-la (incentivam a rivalidade, provocam torcedores, - buscam ibope). Para 17%, a mídia contribui ao estigmatizar as torcidas (mostra só o lado ruim, chama de vândalos). (ATHAYDE, 2009, p.1).

No livro “A violência e o futebol” (2007), Murad também aborda a influência da mídia. “É fundamental, portanto, cruzar e checar dados e informações vindos da mídia, e não tomá-los diretamente em estado bruto”. (MURAD, 2007, p.12). Segundo ele, a imprensa se aproveita da falta de conhecimento de grande parcela da sociedade brasileira e passa a ideia de criminalização das torcidas, formando opiniões. Os jornalistas não “situam o problema [da violência] em seu devido lugar, [...] meios de comunicação de massa [...] optam pelo sensacionalismo”. (MURAD, 2007, p. 36)

2.1. De onde vem a violência?

Acredita-se que já no início dos anos de 1900 havia quem afirmasse ser o futebol e seus torcedores violentos. Arquivos antigos dão conta que em 1922 o escritor Lima Barreto, durante crônica publicada na Revista “Caretta”, disse que o “football era eminentemente um fator de dissensão”.

[...] não é possível deixar de falar no tal esporte que dizem ser bretão. Todo dia e toda hora ele enche o noticiário dos jornais com notas de maléficis, e mais do que isso, de assassinatos. [...] O Rio de Janeiro é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular sportmen. [...] os tais

footballers todos os domingos fazem rolos e barulhos e a policia passa-lhe a mão pela cabeça. Tudo tem um limite e o football não goza de privilégio de cousa inteligente. (BARRETO apud GUTERMAN, 2010²)

Se hoje a visão segue parecida para a maioria da população do Brasil, para estudiosos não é bem assim. A maioria dos autores que pesquisam as torcidas organizadas do país, como mostrado anteriormente, defende que a mídia colabora para a visão e marginalização por parte da sociedade, de que essas organizações são compostas por criminosos. No entanto, esses estudiosos trazem dados e levantam outros motivos para a violência instalada no mundo esportivo.

[...] É indiscutível que há problemas de violência, desmandos e corrupção no futebol como instituição social e que esses devem ser contidos, controlados e punidos. Todavia a violência entre jogadores e entre fãs é obra de minoria. [...] Comparar os dados específicos da violência no futebol com o quadro global da violência no Brasil permite ver e concluir que as práticas violentas no futebol são bem inferiores às da realidade mais ampla. (MURAD, 2007, p. 22-26).

Murad (2012) é tão contrário ao estigma de que a violência dentro futebol é alarmante, que faz diferenciação ao referir-se ao assunto. Para ele, não existe violência “do” futebol, pois essa acontece dentro do esporte como em qualquer outro segmento da sociedade. Ele usa o termo violência “no” futebol, como algo ali existente, mas não fixo. Algo que ali não deveria existir, não é oriundo.

Reis (2006) traz explicações sobre a violência no futebol em seu livro “Futebol e Violência”. Para ela, assim como para Murad, a violência não é uma característica exclusiva do futebol, e sim, algo que está presente na sociedade como um todo. Ela afirma que, no Brasil, a violência no futebol tem relação direta com as deficiências dos sistemas públicos de saúde e de educação, entre outros fatores, como uma justiça ineficiente e alto índice de desemprego.

A autora lembra ainda que a maioria das torcidas organizadas é composta por jovens que no país não têm muitas perspectivas de futuro. Reis (2006) aponta alguns motivos que levaram a violência a achar terreno fértil nas torcidas organizadas. Segundo ela, o futebol é um espaço de reforçar a masculinidade exacerbada, sem contar que, hoje o esporte é uma mercadoria, onde muita coisa está em jogo, além do resultado.

Murad (2012) acredita que a violência existente no futebol, vai além dos estádios, é algo ainda mais profundo.

² Marcos Guterman cita, em nota de rodapé, o texto de Lima Barreto publicado com o título: “It’s 1 in 100, but its also the Fourth”, em The New York Times, seção 1, 4 jul. 1994, p. 27.

[...] Um dos motivos que podem levar os jovens a realizar atos agressivos e violentos, com o intuito hedonista, pelo simples prazer (embora egoísta e transgressor), é a vontade de sair dessa invisibilidade social, isto é, “aparecer” – seja da maneira que for. (MURAD, 2012, p. 57).

Segundo ele, o principal fator que faz com que a violência no esporte aumente a cada dia é a impunidade. O autor afirma que a violência no mundo do futebol está ligada ao envolvimento de integrantes das torcidas com o crime organizado e ao acesso às drogas, às tecnologias e à internet.

[...] Os violentos são parcelas minoritárias, mas perigosas, das torcidas. É preciso que o poder público faça parcerias com os setores pacíficos das torcidas organizadas a fim de neutralizar a ação dos vândalos e, a partir dessa aproximação, cobrar responsabilidades (Atualidades do Direito, 2013, p. 1).

Murad aponta ainda fatores relacionados aos problemas sociais do país como causadores da violência no esporte, são eles: desemprego, subemprego, falta de educação, cidadania, descaso das autoridades, falta de policiamento, impunidade, corrupção, entre outros.

Lembrando que, mesmo sendo minoria, o vandalismo acaba chamando mais a atenção do que a parte positiva das torcidas, do que o espetáculo propiciado por elas, sendo tão noticiado a ponto de assustar. Fato que faz com que os torcedores não violentos, e que buscam as organizadas e os estádios apenas para torcer, se afastem das arenas esportivas. Segundo Murad (2007), se essa visão não for transformada, em tempos, de fato, as organizadas serão compostas apenas por marginais que se aproveitarão da situação, se é que já não aproveitam.

[...] A equação pode funcionar mais ou menos assim: se a impressão dominante que fica é de que os estádios são lugares de “porradaria”, os vândalos, mesmo que não se interessem por futebol, passam a procurar os estádios para encontrar ali o que buscam em qualquer espaço (boates, praias, shows), ou seja, a “porradaria”. Por outro lado, os torcedores pacíficos se afastam dos campos, deixando-os, exatamente por isso, entregues aos arruaceiros. As pesquisas demonstram que o afastamento do público dos estádios de futebol é causado, essencialmente, pela sensação de insegurança. Eis um processo possível de alimentação e multiplicação da violência preexistente (MURAD, 2007, p. 37-38).

O próprio Murad (2012) traz pesquisas que corroboram com a ideia de que atualmente o torcedor está se afastando das arenas esportivas. Dados da Confederação Brasileira de Futebol dão conta que o Campeonato Brasileiro de Futebol de 2010 teve média

de apenas 15 mil torcedores por partida. Sendo que, nos Estados Unidos, onde o esporte não está entre as preferências dos cidadãos, a média foi de 17 mil.

2.2. O que pode ser feito para reduzir a violência no futebol?

Até aqui fica claro como os autores e estudiosos sobre violência no esporte são contrários ao estigma de que toda essa violência é causada pelas torcidas organizadas. Vários outros motivos foram apontados para as confusões que acontecem nos estádios e ao redor deles.

Números comprovam ainda mais como a violência, que para grande parcela da sociedade é causada por todos das torcidas organizadas, na verdade é causada por uma minoria presente nas torcidas.

[...] A pesquisa da UERJ e do mestrado da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), de 2009/2010, apurou que a violência entre torcedores no Brasil é praticada por uma minoria de vândalos que oscila entre 5% e 7% das torcidas organizadas [...] Sendo assim, não se pode generalizar, muito menos criminalizar as torcidas como um todo (MURAD, 2012, p. 30).

No entanto, mesmo sendo causada por uma minoria, é inegável que no Brasil a violência no esporte em geral é mais acentuada. Talvez a paixão nutrida pelo brasileiro, em especial ao futebol, colabore para que isso aconteça. É uma quantidade enorme de gente movida por um sentimento único causado por esse esporte de multidões. “Como multidões são propícias à irracionalidade, os caminhos para o exagero, a agressão e a violência ficam facilitados” (MURAD, 2012, p. 55).

Mas se essa violência, apesar de pequena, existe no futebol o que se pode fazer para que ela diminua? Um consenso entre os estudiosos impera: proibir as torcidas organizadas de existir não é o melhor caminho. Ideia que vai à contramão do que está acontecendo em Goiás, onde as torcidas estão proibidas de ir aos estádios por liminar há quase um ano.

Escher e Reis (2006) fizeram uma análise do Campeonato Paulista de 1996, quando proibiram as organizadas de adentrar aos estádios. Os autores chegaram à conclusão que tal proibição não surtiu efeito. Os autores utilizam o termo “violência simbólica” para explicar o que acontece nos estádios brasileiros. Essa violência é aquela que não chega à agressão física, mas a violência existe, como por exemplo, nos xingamentos. Para a autora, medidas precisam ser tomadas para impedir que a violência simbólica se transforme em violência física. “Acreditamos que atos criminosos não fazem parte da manifestação torcedora e devem ser

averiguados e punidos conforme o Código Penal Brasileiro” (ESCHER; REIS, 2006, p.91).

De forma prática, Escher e Reis (2006) sugerem a criação de uma polícia especializada em policiamento de estádios, em que o caráter dessa polícia precisa ser de prevenção, e não punição, além de leis específicas “que discriminem os graus de gravidade dos atos transgressores e ilícitos envolvendo torcedores e torcidas de futebol e as penas para estes”. (ESCHER; REIS, 2006, p.91).

Para que tudo isso saia do papel, claro, é necessário maior investimento por parte do poder público. Investimento esse que precisa acontecer em toda segurança pública do país, e não apenas no que tange ao futebol. Lembrando que países europeus que investiram em segurança preparada em espetáculos esportivos colheram bons frutos relacionados à diminuição da violência esportiva.

Escher e Reis (2006) são categóricos ao apontar falhas estruturais que permitem a violência em estádios de futebol brasileiros. Resumidamente, enumeram seis passos que possibilitariam, se não a resolução da violência relacionada ao futebol, ao menos, grande diminuição:

- Política educacional capaz de dar à população brasileira elevado nível intelectual;
- Política de emprego e de distribuição de renda que permita corrigir diferenças entre a miséria e as grandes fortunas;
- Política de habitação que permita à população de baixa renda uma moradia digna;
- Política de saúde que permita à população o acesso a atendimento de qualidade na rede pública e aos medicamentos, assim como o direito a um atendimento preventivo.
- Política nacional de lazer, para que os brasileiros tenham acesso a um lazer de qualidade, público e gratuito;
- Política para a prevenção da violência em eventos de multidão, sejam eles esportivos ou não.

Infelizmente, as propostas dos autores citados acima são em longo prazo. O Brasil está longe de conseguir tirar do papel tantas necessidades básicas ainda ignoradas. Murad (2012) já aponta outras soluções para a violência no futebol a curto, médio e longo prazo. Mas todos esses passos compartilham da ideia de Escher e Reis (2006): uma nova visão de Brasil é necessária, com políticas públicas de verdade, funcionando bem, para que a violência de modo geral não seja regra no desporto brasileiro.

Segundo o sociólogo, no curto prazo faz-se necessário a punição, para que assim a sensação de impunidade não impere mais. Para um futebol mais humano é imprescindível a

aplicação de leis ainda mais rígidas. Com a punição exemplar, passa-se então a usar a prevenção, em médio prazo, como arma direta contra a violência esportiva. Lembrando que ao se evitar atos violentos, ou ao menos fazê-los menos frequentes e graves, faz-se ainda economia financeira.

Finalmente, para que a violência possa de fato deixar de existir nas arenas esportivas, é preciso um processo de reeducação popular. Segundo Murad (2012), mudar os valores da sociedade brasileira, por meio de campanhas educativas, vai com o passar dos anos refletir na diminuição da violência. Mas uma reeducação só chega com o tempo, por isso essa medida refletirá em longo prazo.

2.3. O que diz o Estatuto do Torcedor

Até aqui muito se falou sobre a importância de atitudes governamentais para que seja garantido ao torcedor de bem, entre eles os torcedores das organizadas, o direito de frequentar os estádios, como também fazê-lo com segurança, impedindo que a violência seja um fator de afastamento das arenas esportivas por parte da sociedade brasileira.

Chega a ser contraditório tamanha discussão sobre a segurança dos frequentadores dos estádios, sendo que, o Estatuto do Torcedor, já traz todas essas garantias. O Estatuto do torcedor é a Lei 10.671/03 e foi criado com o objetivo de garantir a esse consumidor, enquanto torcedor, todos os direitos.

A lei sofreu alterações em 2010, sendo aperfeiçoada, e traz em seu artigo número 1º a divisão de responsabilidades para a prevenção da violência nos estádios brasileiros. Essa divisão foi incluída em 2010.

Art. 1º-A. A prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos. (Estatuto do Torcedor, 2010, p.1).

No entanto, apesar de ser clara essa definição de responsabilidades o que se vê é omissão por todos os lados, começando pelo poder público. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) também não costuma se movimentar muito. Lembrando que a própria CBF tem um estatuto que regulamenta as competições realizadas pela entidade. Esse regulamento divide responsabilidades entre as federações locais, no caso de Goiás a Federação Goiana de Futebol (FGF), clubes mandantes, administração dos estádios que recebem os jogos e também

poder público.

O Estatuto do Torcedor traz ainda uma definição prática para torcida organizada. “Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade” (Estatuto do Torcedor, 2010, p.1).

Em parágrafo único, a lei 10.671/03 traz a obrigatoriedade do cadastro de todos os membros de torcidas organizadas. Mas, de acordo com os presidentes das TOs goianas, o Ministério dos Esportes deu início em 2011 ao cadastramento, só que nunca terminou essa tarefa.

Ao esmiuçar o Estatuto do Torcedor o que mais se encontra são artigos não cumpridos na maioria dos estádios brasileiros. Quando analisamos o Estádio Serra Dourada, o principal do estado de Goiás, fica ainda mais evidente o descumprimento da lei. O Estatuto do Torcedor obriga que estádios com capacidade para mais de 10 mil torcedores – o Serra Dourada cabe mais de 40 mil – precisam ter sistema de segurança contra falsificação de ingressos.

Segundo o artigo 5º, cabe à administração dos estádios afixarem em local visível uma lista com os nomes dos torcedores impedidos por lei de comparecerem aos jogos. A intenção é afastar os marginais das arenas, o que não acontece. Mas essa discussão é ainda mais profunda, já que isso mostra a incompetência da segurança pública que não consegue identificar os baderneiros, da Justiça que não consegue condená-los e dos próprios órgãos administradores dos estádios, que não conseguem afastá-los.

Essa discussão pode ir ainda mais além, se considerarmos que há quatro anos entidades ligadas ao esporte goiano tentam instalar em Goiás o Juizado do Torcedor que iria acelerar a identificação, julgamento e punição de pessoas envolvidas em confusões nos estádios. O juizado começou a ser retirado do papel, de forma experimental, no final de 2013, depois de brigas no Serra Dourada durante partida da Copa do Brasil entre Goiás e Atlético Paranaense.

No estadual deste ano, o juizado funcionou apenas durante o clássico Vila Nova e Goiás, como se não fosse necessário nas demais partidas. Lembrando que, as últimas brigas que aconteceram no Serra Dourada, foram registradas entre membros de torcidas de um mesmo clube, o que demonstra a necessidade da existência do juizado em todos os jogos, inclusive naqueles realizados no interior do estado.

Voltando ao Estatuto do torcedor, a lei traz ainda que para jogos de primeira divisão – o Goiás Esporte Clube é o representante do estado na elite do futebol brasileiro – devem ser

vendidos ingressos por sistema eletrônico e com lugares marcados, o que também inexistia em Goiás.

Fica claro ainda que a tecnologia não é aliada do estádio Goiano, que só agora começa a investir nesse importante fator. O artigo 18 do Estatuto do Torcedor obriga estádios com capacidade acima de 10 mil pessoas a terem uma central técnica com monitoramento por imagens, sendo que esse monitoramento deve ocorrer nas catracas também.

Em agosto de 2013, foi feito o lançamento de um novo sistema de segurança do Estádio Serra Dourada, que passou a funcionar de maneira experimental em fevereiro deste ano. As novas câmeras ainda precisam passar por adaptações e sistemas operacionais serem adquiridos, mas a expectativa é que com mais esses 19 equipamentos de alta resolução o estádio consiga identificar torcedores baderneiros com mais facilidade.

Aqui foi abordado apenas a parte sobre a prevenção da violência não cumprida nos estádios brasileiros. O desrespeito ao Estatuto do Torcedor segue ainda com má higiene dos estádios, preços abusivos de produtos comercializados nas arenas, falta de informação para o torcedor presente, falta de qualidade nos locais onde se instalam esses torcedores, entre outros.

2.4. Torcidas Organizadas em Goiás

Como o trabalho em questão aborda as torcidas organizadas em Goiás e sua relação com a imprensa goiana, é importante trazer estudiosos locais, mesmo a análise de nível Brasil já ter sido realizada. No entanto, em Goiás, apenas um professor estudou o assunto. Marcos Jary desenvolveu, entre 2005 e 2008, uma pesquisa e observou de perto duas das três torcidas que são objetos de estudo aqui.

Durante a pesquisa de Jary, as organizadas também foram impedidas de exercer suas funções, como atualmente. Lembrando que desde fevereiro de 2013, as três principais torcidas do estado estão proibidas de exercerem suas atividades por liminar e uma ação civil pública tramita para que elas sejam paralisadas nos próximos cinco anos.

Mesmo com tantos confrontos e proibições, a visão do estudioso continua a mesma com o passar dos anos: “Marcus Jary, da Universidade Estadual de Goiás, também entende que proibir as torcidas de atuarem as leva para a clandestinidade. Ele defende a inclusão das organizadas por meio de políticas públicas de geração de emprego e renda e projetos culturais, por exemplo” (MARQUES, 2013).

O professor concorda ainda que é preciso entrar com ações educativas que façam

com que os torcedores se sintam dentro de um grupo e tenham outras opções. Marcus Jary afirma que, na Europa, a proibição das torcidas organizadas surtiu efeito, mas porque outras atitudes de repressão e educação foram tomadas em conjunto. Segundo ele, no caso do Brasil, essas outras atitudes não seriam tomadas e que, por isso, proibir de forma isolada não resolve.

Sobre as motivações da violência no futebol goiano, Jary (2008) acredita que, em Goiás, as duas torcidas dos maiores clubes do estado – quando se considera o número de torcedores – entram em confronto devido à maneira como a capital Goiânia foi formada, desde sua origem. O Goiás, segundo ele, é oriundo da região sul e oeste, região mais desenvolvida da cidade, que foi planejada. Já o Vila Nova, nasceu na região leste, região para onde a cidade não deveria ter crescido, mas assim se desenvolveu devido a classe operária.

[...] O rótulo de maloqueiros é imputado pelos integrantes da força jovem (Torcida do Goiás – FJG) e torcedores de outros clubes, aos integrantes da TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) que, em resposta, rotulam os integrantes da FJG de play boys. Os torcedores vilanovenses não deixam por menos, e entram na guerra das agressões simbólicas retrucando que a semelhança entre o Bin Laden e o GEC (Goiás Esporte Clube) é que ambos tem muito dinheiro, mas vivem no buraco. (JARY, 2008, p.6)

O estudioso lembra ainda que há pouco interesse, em especial de pesquisadores goianos, em abordar as torcidas organizadas do estado. Muito se fala em torcida violenta em Goiás, em acabar com as organizadas, mas quase ninguém se dá ao trabalho de entender essas organizações.

[...] Independente da diversidade de enfoques encontrada nos trabalhos que tratam do tema torcidas organizadas, um traço é peculiar a esses trabalhos: existe uma congruência geográfica caracterizada pelo interesse prioritário de analisar as torcidas organizadas do Rio de Janeiro e São Paulo. [...] No entanto, a heterogeneidade cultural do país impõe aos pesquisadores de outras unidades federativas a necessidade de trazer à cena acadêmica fenômenos importantes das culturas futebolísticas regionais. (JARY, 2008, p. 4)

Único pesquisador goiano a dedicar-se ao assunto, Jary se aproxima de outros pesquisadores ao não generalizar as torcidas como organizações criminosas. Lembrando que, de acordo com o levantamento não criterioso realizado pelas três principais torcidas organizadas goianas, objetos de estudo dessa pesquisa – Dragões Atléticos, torcida organizada do Atlético Clube Goianiense, Esquadrão Vilanovense, torcida organizada do Vila Nova Futebol Clube e Força Jovem, torcida organizada do Goiás Esporte Clube – hoje, são pouco mais de 20 mil torcedores cadastrados. O que representa apenas 0,003% da população do estado.

3. O JORNALISMO ESPORTIVO

Antes de abordarmos o trabalho dos jornalistas esportivos goianos é preciso primeiramente entender como se deu o início do jornalismo esportivo no país. Por mais que hoje o jornalismo esportivo tenha se difundido, crescido e passado a cobrir diversos esportes, foi mesmo o futebol que iniciou a cobertura esportiva no Brasil.

[...] Em São Paulo, na década de 1910 havia páginas de divulgação esportiva no jornal Fanfulla [...] a Fanfulla é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro. O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões [...]. Não existia o que se pode chamar hoje jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra (COELHO, 2004, p. 8).

Mas nenhum veículo de comunicação foi tão importante para o crescimento do futebol no Brasil como o rádio. “Os locutores esportivos de rádio também tiveram grande contribuição para a popularização do esporte, por ser a locução uma narrativa distintiva, com um alcance maior de torcedores e mais rápida divulgação dos acontecimentos esportivos” (ESCHER; REIS, 2006, p. 44).

Por ser o rádio algo de fácil acesso, que provoca a emoção e a imaginação do ouvinte, até hoje é um dos veículos mais ligados ao futebol do Brasil. O brasileiro gosta tanto do rádio que o faz seu companheiro nos estádios brasileiros e até mesmo quando acompanha jogos pela televisão.

Ainda sobre os primórdios do jornalismo esportivo brasileiro, Coelho (2004) conta que os jogos dos grandes times da década de 30 foram ganhando destaques na mídia. Até que o Vasco, em 1923, venceu a segunda divisão apostando na presença dos negros em seus quadros. Para Coelho, era a popularização que faltava ao esporte.

Popularização essa que se tornou irreversível com o casamento perfeito entre futebol e televisão. “A participação da imprensa intensificou-se na década de 50 com o surgimento da televisão, mas desde os primórdios do futebol nacional ela esteve como aliada tanto na forma escrita como na falada” (CARVALHO; MARCHI, 2007 p. 81).

Televisão que, para os mais importantes estudiosos, é apenas uma ferramenta de manipulação.

[...] Tudo quanto ela comunica foi organizado por ela própria com o objetivo de seduzir os espectadores a vários níveis psicológicos simultaneamente. Com efeito, a mensagem oculta pode ser mais importante do que a que se vê, já que aquela escapará ao controle da consciência, não será impedida pelas resistências

psicológicas aos consumos e penetrará provavelmente no cérebro dos espectadores (ADORNO, 1954, p. 384).

Trazendo ainda mais a influência da televisão no jornalismo esportivo, Escher e Reis (2006) explicam como a linguagem da televisão vem colaborando para uma informação repassada à população de forma incompleta e muitas vezes sensacionalista.

[...] Em um mundo no qual a sociedade passa de forma fragmentada pela televisão, com as notícias e os acontecimentos precisando da “telinha” para se legitimar, como estaria o futebol em nossa sociedade contemporânea? [...] Portanto o futebol, como o encontramos hoje, aparece como mais um produto a ser consumido, e percebe-se que no Brasil esse consumo se dá principalmente via televisão. O futebol torna-se, então, mais uma imagem televisiva a ser consumida. (ESCHER; REIS, 2006, p.52).

3.1. O jornalista esportivo

O principal erro de um jornalista esportivo é esquecer que, apesar de estar trabalhando com esporte e com algo fundamentalmente emotivo, ele continua sendo jornalista. No livro “Jornalismo Esportivo: relatos de uma paixão”, Unzelte (2009) explica que no esporte a produção jornalística tem de ser a mesma de qualquer outra editoria.

Se segundo torcedores e jornalistas, como veremos adiante, a relação imprensa goiana *versus* torcidas organizadas é conturbada porque os cronistas esportivos são preconceituosos, o que não se compreende é como isso se dá se, de acordo com manuais da profissão, o jornalista, sendo ele esportivo ou não, precisa manter-se imparcial.

Segundo o dicionário online de português, imparcial é: “Que não renuncia à justiça ou à dignidade, em detrimento das suas próprias convicções. Que não possui relações partidárias favoráveis ou contrárias a algo ou alguém: juiz imparcial. Característica do que não é parcial; que não toma partido”³.

Essa ideia de imparcialidade existe nas teorias do jornalismo. A mais antiga delas, a do Espelho, relata bem o assunto:

[...] É a teoria mais antiga. Inspira-se no Positivismo do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857). A teoria acredita e defende a ideia de objetividade no jornalismo. Essa corrente vê o jornalista como um comunicador desinteressado, e que conta a verdade sempre, “doa a quem doer”. Para o senso comum, é até hoje a concepção dominante no jornalismo ocidental. (Teoria do jornalismo, 2013, p. 1)

³ Dicionário online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/>

No entanto, para alguns estudiosos do tema, a imparcialidade jornalística não passa de um mito que foi imposto aos profissionais da mídia por algumas teorias ultrapassadas do jornalismo.

[...] Este é um dos mitos cultivados há mais de século: jornalista é imparcial. Ou tem obrigação de ser. Ninguém é imparcial. Porque você é obrigado a fazer escolhas a todo instante. E ao fazer toma partido. Quando destaco mais uma notícia do que outra faço uma escolha. Tomo partido. Quando opino a respeito de qualquer coisa tomo partido. Cobre-se do jornalista honestidade. Não posso inventar nada. Não posso mentir. Não posso manipular fatos. Mas posso errar - como qualquer um pode. E quando erro devo admitir o erro e me desculpar por ele. (NOBLAT, 2010, Jornal O Globo).

E esse “partido” ao qual Noblat afirma ser impossível não tomar, fica ainda mais claro quando o assunto é futebol.

[...] Em se tratando de Jornalismo Esportivo, o fator paixão costuma embaçar um olhar mais objetivo e, infelizmente, preceitos da profissão - de neutralidade, de coerência, de ética, de objetividade, de isenção -, nem sempre são respeitados. (GAMA, 2013, p. 2).

De fato, se a imparcialidade jornalística existe, com certeza, ela é ainda menor no jornalismo esportivo. Em Goiás, grande parte deles opina, sendo considerados comentaristas, ou ainda, cronistas esportivos.

[...] existem cada vez mais candidatos a comentarista e cada vez menos candidatos a repórter. Afinal, é sempre mais fácil dizer o que se pensa do que correr atrás de uma informação e checá-la antes de publicar, como manda o bom jornalismo. E quem disse que o comentarista, além de comentar, também não tem de cultivar fontes, buscar e checar informações para embasar melhor seus comentários? (UNZELTE, 2009, p. 8)

No estado, os profissionais da mídia que trabalham com esportes são cadastrados pela Associação dos Cronistas Esportivos de Goiás (Aceeg). Atualmente, são 520 profissionais da área em atividade, segundo a Aceeg.

[...] Os cronistas têm como instrumento de trabalho a opinião, quesito principal que os diferem dos jornalistas esportivos. Assim, faz-se necessário definir a crônica esportiva, como também relatar os principais cronistas, para que se mensure a importância desse profissional para a história do esporte nacional. (GOMES; RODRIGUES; SOUSA. 2010, p. 11)

A crônica esportiva brasileira realmente tem um significado particular, que aproxima o torcedor do esporte. “Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público.

Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato” (RODRIGUES, 1987, p. 137-138).

Mas qual a responsabilidade desses profissionais? Por que no jornalismo esportivo, mais do que nas outras áreas do jornalismo, é tão mais complicado de se ter a relação fonte *versus* jornalista?

[...] A imprensa esportiva fortemente integrada ao mundo do futebol com certeza foi uma grande aliada na sua popularização no Brasil, apesar das pressões que exercem sobre ele, constantemente. Todos nós somos conscientes de que ela possui um poder de influência muito forte em todos os segmentos sociais, ditando modas e costumes de épocas; manipula opiniões; desemprega dirigentes, técnico e jogadores; exalta personalidades importantes, da mesma forma que pode rebaixá-los; noticia fatos que julgamos ser importantes e relevantes à sociedade [...] (CARVALHO; MARCHI, 2007 p. 81).

3.2. Jornalista esportivo e sua influência

“Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável” (MALCOLM; 1990, p. 1). É com essa frase categórica que a autora começa o livro explicando como é complicada a relação jornalista com a sua fonte. Essa dificuldade cabe ainda na relação jornalista esportivo e seus entrevistados. Lembrando que, em tese, o torcedor deveria ser apenas uma fonte na vida do jornalista esportivo, seja ele goiano ou não.

[...] Qual seria o “fazer” jornalístico sobre o qual recai a sentença de Janet? Simplesmente a prática mais comum da profissão – a entrevista. Ela entende que a relação entre repórter e fonte é sempre assimétrica, e com grande prejuízo para a segunda parte. Afinal, tanto jornalista como entrevistado querem alguma coisa um do outro, como sabe o mais ingênuo dos focas (ZANIN, 2011, p. 1).

A autora compartilha da ideia de muitos torcedores, que afirmam serem eles a parte fraca da relação, já que são julgados e aparecem na imprensa esportiva goiana da maneira que os jornalistas querem, sem nenhuma chance de defesa. Sendo Malcolm (1990), o jornalista é:

[...] Uma espécie de confidente, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas. Tal como a viúva confiante, que acorda um belo dia e descobre que aquele rapaz encantador e todas as suas economias sumiram, o indivíduo que consente em se tornar tema de um escrito não ficcional aprende [...] a sua própria dura lição (MALCOLM, 1990, p. 1).

A afirmação é compartilhada por Murad (2007). Em “Violência e o Futebol”, o autor

demonstra o poder da imprensa perante as torcidas organizadas. Ele explica ainda que ao agir de forma “moralmente indefensável”, como afirma Malcolm, a imprensa colabora para uma visão equivocada das organizadas por parte da sociedade.

[...] O esporte não é violento em si, ao contrário daquilo que muitas vezes transparece no imaginário popular e na espetacularização da mídia. Tal espetacularização não é privativa de um contexto particular, mas um fenômeno geral da vida contemporânea. Torna-se imprescindível analisar os contextos de interesse nos quais a mídia está inserida e considerar o seu grau de poder, de imediatismo e até de superficialidade (MURAD, 2007 p. 11).

Malcolm critica duramente o posicionamento do jornalista, que, segundo ela, se aproxima a de um traidor, que utiliza caminhos escusos para conquistar o que quer.

[...] Quando o produto da conversa vem a público, é muito comum a fonte descobrir que a relação mantida com o jornalista era baseada em um engodo. Que este não teve, em qualquer momento, a mínima intenção de divulgar o ponto de vista da fonte para a sua história. Pelo contrário, o jornalista sempre teve em mente divulgar a sua própria impressão sobre determinado fato. Manteve a relação em termos amistosos apenas enquanto dela necessitava para apurar determinados elementos da história. Depois, fim de conversa. Ao escrever, torna-se a parte dominante e impõe a sua própria versão. Para a fonte, seduzida durante o tempo das entrevistas, esse comportamento pode parecer o de um traidor (ZANIN, 2001, p. 1).

No entanto, o jornalista também sofre com isso. A edição existe para que a reportagem em questão tenha condição de ser levada ao ar, ser publicada, já que tempo/espço costumam ser insuficientes para todo o conteúdo colhido durante a entrevista. E, ao editar, já acontece um recorte do que foi dito pelo entrevistado, fazendo assim com que as informações colhidas deixem de ser literais.

O livro “O jornalista e o assassino” conta a história de um jornalista (McGinnis) que entrevistou um suspeito (McDonald) de ter assassinado a esposa grávida. A convivência para a criação da obra foi de quatro anos e durante esse período o acusado acreditou que o livro iria mostrá-lo inocente. Mas não foi isso que aconteceu e o preso resolveu então processar o jornalista.

[...] O caso é explosivo porque levanta a dúvidas sobre a liberdade de expressão e sobre a ética jornalística – e de como uma pode contradizer a outra. A acusação de McDonald baseava-se em que sua boa-fé no jornalista fora iludida. O jornalista o fizera crer que trabalhava numa versão que seria favorável ao acusado quando tinha coisa muito diferente em mente. A defesa de McGinnis baseia-se na liberdade de expressão. O autor teria compromisso mais forte com a verdade dos fatos do que com sua fonte. Se manteve o relacionamento usando de atitudes ambíguas, foi no interesse do livro. E da verdade, que deve ser conhecida em benefício do público. (ZANIN, 2011, Jornal O Estado de São Paulo)

Vale lembrar que, mesmo a objetividade e a imparcialidade sendo características questionáveis durante o trabalho do jornalista, ele precisa ao menos tentar ao máximo repassar ao seu público-alvo aquilo que colheu da maneira mais verdadeira possível. Se a verdade é subjetiva, cabe ao jornalista tentar deixar suas crenças, preconceitos e opiniões de lado e repassar a informação sem tanta influência pessoal.

[...] Apesar de vivermos num mundo de versões, temos a obrigação de cuidar para que elas sejam tão próximas quanto possível de uma intangível verdade. Essa observação é particularmente importante em nossa época [...] Usar técnicas de romance para escrever uma matéria é uma coisa, e isso pode ser ótimo; tornar-se ficcionista é algo que um jornalista não pode se permitir. Seu compromisso, por fluido que seja o termo, é com algo chamado realidade. E, mesmo que ela se esconda atrás de inúmeras versões, insuficientes e contraditórias, sua obrigação é procurá-la obsessivamente. Não interessa se o graal existe ou não; é preciso buscá-lo. (ZANIN, 2011, Jornal O Estado de São Paulo)

Portanto, a relação jornalista *versus* fonte é uma luta diária na relação profissional de um comunicador. A cada dia é preciso saber que o máximo tem de ser feito para evitar injustiças. As torcidas organizadas goianas culpam os jornalistas locais de não terem esse cuidado, de não apurarem e irem a fundo antes de opinarem, isso quando o jornalista atua como comentarista, e também de não checarem informações antes da publicação de uma notícia, isso quando o jornalista atua como repórter.

Durante a sua análise de “O jornalista e o assassino”, Luiz Zanin lembra que essa cobrança pelo melhor, pelo mais correto, por menos interferência pessoal, tem de ser constante na vida do jornalista. Segundo ele, o jornalista que finge não haver problema algum, ou que acredita já conseguir não influenciar nas suas reportagens, é o mais perigoso de todos.

3.3. O jornalista esportivo e seu poder limitado

Durante o decorrer deste trabalho demonstrou-se claramente o poder que o jornalista tem de levar a sociedade a crer que as torcidas organizadas são culpadas pela violência existente no futebol. Na apresentação do estudo de caso ficará claro também a visão preconceituosa do jornalista goiano. No entanto, como se mostrou acima o poder de manipulação da mídia, vale lembrar que esse poder é limitado.

Se alguns autores das teorias do jornalismo e da comunicação apontam essa manipulação constante e algumas vezes até injusta, outros mostram que ela é limitada. Por

mais que o jornalista, sendo ele esportivo ou não, consiga atingir seu público com sua opinião, esse público nem sempre é manipulável. Há uma cabeça pensante recebendo informações e influências, dependendo de quem está do outro lado não dá para saber como ele absorverá e transformará essa informação em uma crença.

Se a Teoria Hipodérmica afirma ser a mensagem passada pela mídia absorvida de imediato pela população, sem nenhuma forma de resistência, assim como a Teoria Crítica e sua Indústria Cultural, que afirma ser o indivíduo consumidor passivo dos produtos da mídia, há outras teorias que dizem justamente o contrário.

A Teoria da Persuasão, por exemplo, traz que a mensagem repassada pela mídia não é assimilada imediatamente e de maneira direta por esse receptor. Segundo ela, cada indivíduo absorve de maneira diferente, já que cada indivíduo tem fatores psicológicos diferentes e por isso a interpretação da mensagem varia. Sendo assim, a mídia exerce um poder imenso de persuasão, mas não chega a manipular.

Mas nenhum estudo vai tão longe quanto os Estudos Culturais, que, apesar de serem considerados partes da Teoria da Comunicação, na verdade, são multidisciplinares. Os estudos Culturais fazem uma análise da Indústria Cultural aperfeiçoando-a.

[...] Os Estudos Culturais reconhecem que existem intencionalidades de dominação por parte da Indústria Cultural. No entanto, partem de uma visão de que existem muitos elementos intervenientes que fazem com que estas intencionalidades se realizem ou não, em partes ou integralmente. Reconhecer que os emissores não são os todo-poderosos do processo de comunicação não pressupõe desconsiderar que eles detêm um poder, e grande, no conflito e na disputa existente na sociedade. (Os Estudos Culturais, 2013, p.1)

Para os fundadores dos Estudos Culturais – Raymond Williams e E. P. Thompson –, ao relativizar o poder de influência da mídia esse estudo não está subestimando os veículos de comunicação e sim os vendo com outros olhos e analisando todas as vertentes que podem existir. Os Estudos Culturais se autodenominam estudo e não teoria, o que significa que ainda estão em aberto chegando assim mais próximos da realidade. “Como ela (a disciplina) se destina a questionar interações que se baseiam no poder e na autoridade, é fundamental que ela mesma não se constitua de verdades absolutas e dogmáticas” (Os Estudos Culturais, 2013, p.1).

Ainda sobre o papel da mídia, vale destacar que seu poder e influência é algo questionável, mas vem com o passar do tempo ficando mais claro como os meios de comunicação agem e persuadem a sociedade brasileira e goiana também.

[...] A emergência dos Estudos Culturais e sua análise dos meios de comunicação de massa vieram, no mínimo, romper esta polarização e procurar oferecer uma visão mais ampla e mediada para o entendimento do papel dos meios de comunicação (Os Estudos Culturais, 2013, p.1).

Lembrando ainda que, de acordo com esses estudos, a “sociedade é concebida como um conjunto hierárquico e antagonista de relações sociais caracterizadas pela opressão das classes, sexos, raças, etnias e estratos sociais”. (Os Estudos Culturais, 2013, p.1). As torcidas organizadas goianas, com certeza, representam uma dessas classes oprimidas pela sociedade. Ela é deixada de lado e apontada como culpada, sem que nada seja feito para que esse julgamento deixe de existir, muito menos, para que a realidade existente de violência seja extinta.

Talvez pareça contraditório apontar agora, no final desta parte teórica do trabalho, teorias que venham questionar o poder de manipulação da mídia, já que esta monografia se baseia na ideia de que os jornalistas goianos são preconceituosos e colocam a sociedade contra os torcedores. Mas ficará claro no decorrer deste que alguns jornalistas destoam dessa máxima, como também, certa parcela da sociedade não se deixa manipular, mesmo que essa parcela seja pequena.

Se a autora deste trabalho é capaz de discordar da marginalização das torcidas organizadas, assim como outros autores aqui apontados, isso já significa que a imprensa manipula sim e é preconceituosa. Mas ela não atinge 100% dessa sociedade. Por isso, este trabalho acredita na visão dos Estudos Culturais e os têm como referência em sua construção.

4. METODOLOGIA

Até aqui, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. A intenção foi trazer o que há sobre o assunto, o conhecimento científico desenvolvido por outros autores, para dar sustentação à pesquisa que será desenvolvida a partir de agora.

A seguir, serão demonstrados os resultados de um estudo de caso. A ferramenta utilizada para levantar os dados foi a entrevista. Foram entrevistados dois torcedores, com cargos de liderança, de cada uma das três principais torcidas organizadas do estado de Goiás. Sendo: Dragões Atleticanos, torcida organizada do Atlético Clube Goianiense; Esquadrão Vilanovense, torcida organizada do Vila Nova Futebol Clube; e Força Jovem, torcida organizada do Goiás Esporte Clube.

Para confrontar com a opinião dos torcedores, foram ouvidos ainda a mesma quantidade de cronistas esportivos goianos. Seis profissionais da imprensa, com idades, formações e experiências profissionais variadas. A intenção ao escolher jornalistas esportivos com características diferentes é compreender se detalhes como formação cultural, anos de estudo e idade interferem ou não na visão que eles têm das torcidas organizadas.

Todas as entrevistas foram realizadas com os profissionais e torcedores de maneira isolada. Seguindo o mesmo questionário (adiante seguem questionários com todas as perguntas), com a mesma ordem de perguntas, para os torcedores de todas as organizadas pesquisadas e também o mesmo para todos os profissionais da imprensa entrevistados.

Os dados levantados por meio dessas entrevistas serão analisados e apresentados. Será possível compreender se de fato as hipóteses levantadas quando a ideia desta pesquisa surgiu – como, por exemplo, que a relação jornalista esportivo goiano *versus* torcedores organizados do estado é conturbada, que há preconceito por parte dos profissionais da imprensa – são ou não verdadeiras.

Vale ressaltar que essa análise dos dados colhidos durante o trabalho de campo será realizada de forma exploratória e analítica. Todas as respostas colhidas serão profundamente estudadas, para tentar chegar a um resultado em que seja possível, apesar da pequena amostragem, ter uma noção geral de como pensam jornalistas e torcedores do estado de Goiás.

A análise será, em síntese, qualitativa, já que a maioria das respostas foram opinativas e complexas, não sendo possível tabelar, mas ao mesmo tempo, foram respostas ricas e profundas o que irá permitir um maior número de informação e mais entendimento do

assunto. No entanto, em alguns momentos será possível apresentar dados fechados, números e estatísticas, sendo nesse momento uma pesquisa quantitativa.

Destaca-se ainda que, apesar da intenção primária desta pesquisa restringir-se em mostrar como se dá a relação torcida organizada *versus* imprensa goiana, outras questões importantes serão escancaradas no decorrer da análise. Será possível compreender porque a mídia pouco aborda o assunto torcida organizada em Goiás e porque a maioria dos jornalistas goianos critica a forma de organização das torcidas, assim como as organizadas criticam o trabalho desses jornalistas.

Além disso, como já abordado durante a parte teórica, há pouco material sobre as torcidas goianas e sobre o próprio futebol do estado. Por isso, o estudo de caso que será apresentado terá uma importância histórica. Compreender-se-á mais sobre as torcidas organizadas de Goiás, a relação existente dentro de elas, como se dá a hierarquia e como acontecem punições aos torcedores mais violentos.

4.1. Questionário aplicado com jornalistas esportivos goianos

Idade:

Formação profissional (incluindo pós-graduação e línguas):

Tempo de Carreira:

Tipos de veículos que já trabalhou na área esportiva:

1 – Como você vê o trabalho do jornalista esportivo goiano?

2 – Como você vê o trabalho da mídia goiana na cobertura de pautas sobre torcidas organizadas?

3 – Como você vê as torcidas organizadas goianas?

4 – Você sabia que em Goiás as torcidas estão proibidas de exercerem suas atividades, por liminar, desde fevereiro de 2013?

5 – Você já entrevistou membros das torcidas organizadas goianas?

6 – O jornalista esportivo de Goiás vê as torcidas organizadas do estado de maneira diferente de outros profissionais da área?

7 – Falta espaço na mídia goiana para pautas sobre torcidas organizadas, principalmente quando a pauta é positiva?

8 – O que você acha da relação torcida organizada x jornalista esportivo goiano? É uma relação tranquila e amigável?

9 – Faltam ações do poder público com as torcidas organizadas e para garantir a segurança do torcedor?

10 – Para você, as torcidas organizadas goianas são inimigas do bom futebol?

11 – Faltam punições dentro das próprias torcidas para membros violentos e o que mais falta nas organizadas?

12 – Como seria uma torcida organizada ideal para você?

13 – Você acredita que as torcidas organizadas são facções criminosas?

14 – Quantos por cento dos torcedores dentro das organizadas são bandidos para você?

15 – A torcida organizada pode ser considerada uma organização social, um espaço de aprendizado, para você?

16 – Resumindo, você é a favor ou contra as torcidas organizadas?

4.2. Questionário aplicado com torcedores membros de torcidas organizadas goianas

Idade:

Formação profissional (incluindo pós-graduação e línguas):

Tempo de Torcida organizada:

1 – Como você vê as torcidas organizadas goianas?

2 – Como você vê os jornalistas esportivos goianos?

3 – Como você vê o trabalho da mídia goiana na cobertura de pautas sobre torcidas organizadas?

4 – Porque você resolveu fazer parte de uma torcida organizada?

5 – Como você acha que o jornalista esportivo goiano vê as torcidas organizadas?

6 – Falta espaço na mídia goiana para pautas sobre torcidas organizadas, principalmente quando a pauta é positiva?

7 – Você acha que a imprensa goiana coloca a sociedade contra as torcidas organizadas?

8 – O que você acha que um bom cronista esportivo precisa ter, como ele deve trabalhar?

9 – Como é a hierarquia na sua torcida organizada? Como são divididas as regiões?

10 – Como torcedores violentos são punidos dentro das suas torcidas?

11 – O que você sabe sobre o início da sua torcida, a história da organizada?

12 – O que você acha da relação torcida organizada x jornalista esportivo goiano? É uma relação tranquila e amigável?

13 – Faltam ações do poder público com as torcidas organizadas e para garantir a segurança do torcedor?

14 – O que você acha da teoria de que as torcidas organizadas na verdade são facções criminosas?

15 – Para você, quantos por cento dos integrantes da sua torcida são bandidos?

16 – Você continua frequentando os estádios mesmo com a proibição de fevereiro?

5. ESTUDO DE CASO

Metade dos jornalistas esportivos goianos é contrária à existência das torcidas organizadas do estado. É com esse número alarmante que começo a apresentar o resultado da pesquisa realizada com integrantes das torcidas organizadas de Goiás e de jornalistas goianos.

A outra metade, também não é totalmente a favor. Desses 50% dos jornalistas entrevistados, 33% disseram ser a favor, mas com ressalvas. Sendo que apenas um dos jornalistas afirmou ser totalmente a favor das TOs, sem que para isso haja mudanças a favor das torcidas como essas são hoje.

Pode parecer um número grande e assustador, mas que corrobora a opinião de grande parcela da sociedade goiana e brasileira hoje, que também é contrária a essas organizações. Adiante abordarei o porquê dessa opinião da sociedade brasileira e goiana. Aqui, vale ressaltar que todos os jornalistas locais entrevistados veem as torcidas organizadas goianas como uma instituição que precisa de mudanças.

Ao tentarem explicar porque essas torcidas precisam de modificações, os jornalistas esportivos apontaram problemas que, segundo eles, influenciam na causa da violência existente dentro delas. Um deles apontou que as TOs perderam o controle e se desvirtuaram.

O que mais chamou a atenção foram os termos usados por esses profissionais da imprensa que deixam claro como alguns chegam a ser preconceituosos. Frases como “eu não acho legal”, “sou radicalmente contra, tinha que banir todas”, “nos últimos anos só cresceram em número de violência”, “o que tem mais perto de facções criminosas são torcidas” e “tem que acabar” foram usadas por eles quando perguntados como era a visão dos jornalistas das torcidas organizadas de Goiás.

Vale ressaltar que a maioria dos jornalistas que usaram essas frases de efeito ao serem questionados sobre a frequência com que entrevistam torcedores organizados durante seu trabalho, disseram nunca ter entrevistado. Os que já realizaram entrevistas com membros das torcidas disseram que esse tipo de pauta é rara, tendo sido realizadas poucas vezes durante a carreira do profissional da imprensa.

Esse dado mostra a falta de conhecimento dos profissionais da imprensa goiana sobre o tema. Se mesmo sem entender do assunto, sem viver a realidade das torcidas, sem nunca terem ouvido o outro lado, esses jornalistas se dizem contrário às organizadas, ficou comprovado assim, com essa pesquisa, que essa opinião é preconcebida e, por que não, preconceituosa.

O que se questiona é como um profissional tido para ser imparcial, ou melhor

dizendo, o menos parcial possível, além de ter uma opinião preconceituosa, leva esse “achismo” para os veículos onde trabalha e o espalha. A maioria desses jornalistas trabalha em rádios, televisões, e têm ou já tiveram a oportunidade de falar sobre o assunto, repassando para a sociedade essa opinião e colaborando para torná-la uma máxima.

Mas tudo isso deveria ser ao contrário. Como afirmam os estudiosos ouvidos para a construção deste, deveria ser de responsabilidade do jornalista ajudar a sociedade a enxergar de maneira clara o papel das organizadas e colaborar para que aquilo que tem de errado dentro delas seja diminuído com o auxílio de ações concretas do poder público.

[...] Estes, via de regra sensacionalistas, influenciam a opinião pública ao ressaltar acontecimentos secundários como se fossem principais, o que distorce o entendimento do problema. Os veículos de comunicação de massa ocupam papel-chave na construção e na manutenção de um discurso sobre violência. (MURAD, 2012, p. 199)

E esta comprovação minha e dos demais estudiosos de que o jornalista é preconceituoso com as torcidas, é vista claramente pelos próprios torcedores. Ao serem perguntados se a mídia goiana coloca a sociedade contra as organizadas, os torcedores foram categóricos e afirmaram que sim.

Todos os entrevistados responderam que os jornalistas fazem com que a população os veja de maneira errada, ao noticiarem, em principal, apenas as coisas ruins, como episódios de violência, e dando muito espaço para esses episódios. Segundo um dos torcedores ouvidos durante entrevista, a imprensa generaliza a torcida ao invés de individualizar seus membros.

É claro que cabe à mídia fazer seu trabalho e noticiar fatos que acontecem e são importantes. Não estou aqui para afirmar que a imprensa não deve publicar as notícias relacionadas à violência nas torcidas, mas a maneira como essa notícia é dada faz toda a diferença.

[...] Sabemos que a mídia não inventa a realidade; ela noticia o que já existe. Mas o que falar daquilo que acontece, como noticiar, em que horário e com qual destaque são escolhas a serem feitas, que podem mudar tudo. Afina, edição é edição. (MURAD, 2012, p. 199)

Edição é edição, e comentário é comentário. Em Goiás, a mídia esportiva ainda engatinha, e há muito do rádio na televisão. Há em demasia comentaristas esportivos, programas com opinião, e na maioria deles opiniões infundadas e preconceituosas. Isso também é sentido pelos torcedores. Ao serem questionados sobre o que pensam e como veem os jornalistas esportivos goianos, todos os torcedores mostraram-se contrários ao trabalho

desenvolvido hoje no estado.

Frases como “85% dos jornalistas são péssimos ou ruins”, “não gosto no geral”, “é um trabalho sensacionalista”, “aqui eles têm o hábito de mostrar e julgar”, “são incoerentes”, foram usadas pelos torcedores membros das organizadas para falar sobre esses profissionais da mídia. Vale ressaltar ainda que o próprio jornalista esportivo goiano também consegue ver de forma crítica seu trabalho e de seus iguais.

Metade dos jornalistas entrevistados conseguiu apontar falhas no trabalho diário da mídia esportiva goiana. Segundo eles, o jornalismo local, quando se trata de esportes, é “superficial”, “razoável”, ou ainda, “tem muito a melhorar”. Vale destacar ainda que esses jornalistas falaram muito em falta de condições de trabalho para os profissionais da imprensa e a necessidade de bons salários, mas essa discussão vai além e pode ser abordada em outra oportunidade.

Acima citei que a maioria dos jornalistas esportivos goianos nunca entrevistou membros de torcidas organizadas do estado. Durante as entrevistas para essa pesquisa, uma mesma pergunta foi feita tanto para os jornalistas, quanto para os membros das organizadas: falta espaço na mídia goiana para pautas sobre torcidas organizadas, principalmente quando a pauta é positiva?

Todos os torcedores afirmaram que sim. Um deles garantiu que em outros estados a mídia costuma cobrir mais as torcidas organizadas, logo, para ele, em Goiás o preconceito é ainda maior com essas torcidas. Os torcedores deixaram claro ainda que eles têm vontade de falar, de mostrar o lado deles, mas só são procurados quando o assunto é negativo e, em especial, por rádios, já que, segundo eles, televisões e jornais impressos falam ainda menos das TOs.

66% dos jornalistas entrevistados também acham que falta esse espaço na mídia para a cobertura das organizadas. Alguns deles afirmam até que pautas positivas não chamam a atenção e por isso não conseguem espaço. Não cabe aqui questionar essa máxima que existe desde os primórdios do jornalismo, em que o bizarro, a tragédia, rendem muito mais. Mas, vale ressaltar que, apesar de alguns jornalistas acreditarem que quase não há pautas positivas relacionadas às torcidas, elas sim existem, a cobertura midiática que se recusa a dar espaço a isso.

Em 2013, um projeto denominado Torcida da Paz foi desenvolvido em Goiânia pela então deputada federal Marina Sant’Anna (PT). Durante o projeto, várias ações foram realizadas com as três torcidas que são objeto de estudo desta pesquisa, sendo uma delas, doação de sangue dos membros de todas as TOs. O projeto era inédito, mas já havia

acontecido doação isolada dessas torcidas. Contudo, era a primeira vez que elas, tidas como rivais, iriam se unir em um projeto de solidariedade. Apesar do trabalho da assessoria de imprensa e da importância do ato, no dia da doação nenhuma emissora compareceu ao local.

Apenas por isso já se derruba a afirmação de alguns jornalistas de que as organizadas goianas não fazem ações positivas que merecem cobertura. Com essa realidade, dá-se a entender que a mídia goiana, em sua maioria, pensa como um dos jornalistas entrevistados por mim. Mais radical de todos os ouvidos, ele afirma que as torcidas organizadas não têm de ser objeto de cobertura, que não faz sentido ter essas organizações como assunto. Em sua opinião, são torcedores comuns que só passam a ser valor-notícia quando cometem infrações.

É tanto preconceito por parte dos jornalistas, que uma pergunta deixa claro a opinião de grande parcela deles. Todos os seis profissionais da imprensa foram questionados se as torcidas organizadas são inimigas do bom futebol e foram obtidas respostas como: “sim, porque a cultura de ódio é pregada por essas torcidas”, “sim, porque não vejo o bem que essas torcidas fazem”.

No entanto, também durante resposta a essa pergunta, metade dos jornalistas entrevistados discordaram que as organizadas são inimigas do bom futebol. O que vem apenas comprovar o número apontado no início desse estudo de caso. Apesar de metade dos jornalistas goianos serem totalmente contrários as torcidas organizadas, a outra metade acredita que algo ainda pode ser feito para que o lado positivo dessas torcidas prevaleça.

Acreditar que as torcidas podem resolver grande parte dos seus problemas e tornar-se apenas um lugar para se torcer de fato é o que me moveu durante essa pesquisa, foi a partir dessa crença que a ideia do estudo de caso apareceu. Essa certeza, em minha opinião, não é ser iludido e achar que tudo se resolverá facilmente, pelo contrário, é buscar ações concretas para que isso se torne realidade. Para mim, fica ainda mais fácil acreditar no futuro das torcidas quando percebo que elas mesmas conseguem visualizar seus próprios erros.

Durante o questionário, os seis torcedores entrevistados, dois de cada torcida, foram perguntados sobre o que achavam das torcidas organizadas goianas, como um todo. Nesse momento, a intenção era descobrir se esses torcedores conseguiam ver a si próprios e as torcidas tidas como inimigas de forma clara. As respostas foram, no mínimo, surpreendentes.

Todos afirmaram, claro, que as organizadas não são compostas apenas por marginais, mas reconheceram que o problema da violência é recorrente e que vem aumentando com o passar dos anos. Um deles disse: “de três anos para cá, a violência vem aumentando nas TOs, isso porque a violência na cidade de Goiânia aumentou.”

E esse torcedor não está errado. Em 2013, a capital Goiânia, sede das três torcidas

organizadas estudadas aqui, foi considerada a 34ª cidade mais violenta do mundo. Adiante abordarei como a incompetência do poder público reflete de imediato na violência das organizadas.

Outras opiniões dos torcedores sobre as organizadas merecem destaque, como: “as torcidas hoje estão ruins porque a molecada está sem ideologia”, “temos que evoluir, amadurecer”. Opiniões que deixam claro que esses torcedores reconhecem seus defeitos e, o mais importante, estão abertos para receberem qualquer tipo de ajuda que possa colaborar para uma melhora nas organizadas e, de imediato, uma diminuição da violência no futebol goiano.

Eis então as TOs goianas abertas para serem positivas, assim como, na minha opinião e de diversos teóricos, o futebol tem sim um lado bom.

[...] O potencial social e político do futebol é, dessa maneira, inegável. O próprio Lobato (Monteiro) atribuiu ao futebol “a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia”. “Antes dele, só nas classes médias a luta política tinha o prestígio necessário para uma exaltaçãozinha periódica”, diz o escritor. (GUTERMAN, 2010, p. 62)

Murad (2007) chega a apontar o futebol como o remédio para a violência latente:

[...] Há uma tendência na sociologia que afirma que o futebol (o esporte, em geral) é um ritual de “violência simbólica”, uma “guerra simbólica” e, por isso, tem um sentido “civilizacional” (Elias, 1994^a), pois evita e esvazia a violência direta, matéria. Uma espécie aproximada, talvez, de “solução ritual do conflito”. (Murad, 2007, p. 18)

Ainda sobre o lado positivo do esporte, uma pergunta foi feita aos jornalistas. A intenção com ela era entender o porquê alguns deles não conseguem ver as torcidas organizadas goianas como um local onde há juventude e assim a possibilidade de fazer modificações sociais e culturais. Fiz questão de fazer essa pergunta por acreditar que a juventude tem o direito de se associar e que ninguém deve tirar dela esse direito constitucional.

A pergunta feita foi: a torcida organizada pode ser considerada uma organização social, um espaço de aprendizado? Dos seis jornalistas que a responderam, quatro até acreditam na possibilidade das TO's serem um lugar de aprendizado, mas nenhum vê isso acontecendo agora. Para todos eles, é preciso mudanças drásticas, como se hoje existisse apenas o lado ruim dentro dessas torcidas.

O mais chocante é que os outros dois entrevistados, que representam 33,3%,

acreditam que nunca as torcidas organizadas poderão ser algo bom e de formação cultural ou profissional dos jovens goianos. Um deles chegou a dizer que não há necessidade disso, que as escolas já cumprem esse papel.

Mas vale lembrar que as torcidas têm um atrativo que escola ou qualquer outra associação não tem: o futebol. O futebol tem ainda o poder aglutinador. Reúne pessoas diferentes, de classes e crenças diferentes, em busca de um único ideal: seu time do coração.

[...] A Fifa, cuja fundação data de 1904, em Paris, historicamente é a maior entidade congregadora de nações que já existiu. Reúne mais países associados do que qualquer outra instituição de qualquer natureza já conseguiu, mais até do que a ONU. [...]. Sua força política é conhecida e reconhecida. (MURAD, 2007, p. 15)

Mas esse poder aglutinador e transformador é simplesmente ignorado pela metade dos jornalistas goianos. Uma pergunta direta foi feita aos profissionais da mídia aqui entrevistados. Quantos por cento dos torcedores dentro das torcidas organizadas goianas são bandidos para você? 50% dos entrevistados apontaram que mais da metade dos integrantes das organizadas são marginais. Foram encontrados números como 70%, 99% e o mais, digamos, “sensato” deles acredita que “50% são bandidos e os outros 50% têm grande chance de um dia serem”.

Lembrando que a outra metade dos jornalistas apontou números como 10%, 2,5% e um deles não quis opinar. Vale ressaltar ainda que, segundo Murad (2012), a violência é praticada nas arenas esportivas por membros de torcidas organizadas que representam de 5% a 7% das TOs. Número que passa bem longe dos valores apontados acima. Se fizermos uma média das opiniões dadas pelos jornalistas, teríamos que: 46,3% dos membros das torcidas organizadas são marginais, número mais do que significativo.

Número que fica bem distante da opinião dos próprios torcedores. A mesma pergunta foi feita para eles. Como citado acima, eles não negam a existência de problemas envolvendo as TOs, mas apontaram outros números para os bandidos que, segundo eles, estão infiltrados nas organizadas. Os torcedores das torcidas Esquadrão Vilanovense (Vila Nova) e Força Jovem (Goiás) apontaram números que variam entre 5% e 20%.

A torcida Dragões Atléticos (Atlético) é pequena, composta por cerca de 550 torcedores, segundo cálculo do atual presidente, e tida como não violenta pelas próprias autoridades goianas – apesar de também estar proibida por liminar juntamente com as outras duas. Os dois torcedores entrevistados, membros da diretoria da Dragões, foram categóricos ao afirmar conhecer todos os membros dessa TO, e apontaram apenas um que cometeria

crimes (roubo).

Deixando então a Dragões Atléticos fora da média, segundo torcedores das duas maiores torcidas goianas – Força Jovem e Esquadrão Vilanovense –, apenas 13,7% dos seus membros têm ou tiveram problemas com polícia e justiça, podendo assim, serem considerados marginais. Número bem abaixo dos 46,3% apontados pelos jornalistas goianos e ainda acima do que a pesquisa de Murad (2012) apontou.

E o torcedor tem noção da diferença de ideias entre ele e os jornalistas goianos. Durante quase todas as perguntas os entrevistados tentaram explicar o seu lado. A palavra “infiltrados” foi usada com frequência no discurso desses torcedores. Termo muito usado também pelos estudiosos, mas quase ignorado pelos jornalistas de Goiás. Para o torcedor, aqueles que praticam crimes, assim manchando a imagem das organizadas, não são torcedores e sim marginais infiltrados. Ideia compartilhada por estudiosos do assunto.

[...] Uma das revelações mais alarmantes de nossa pesquisa é que, dentro das organizadas, existem infiltrados – é isto, sim: infiltrados – que nem mesmo gostam de futebol, mas estão ali apenas para praticar atos desmedidos de intolerância, covardia, insultos, ofensas e violência. (MURAD, 2012, p. 31-32).

Vale lembrar que, se a imprensa não tem esse cuidado de citar pesquisas para falar em números de marginais nas organizadas, não toma cuidado ao abordar o tema, tentando assim ser o menos parcial possível, não cita os infiltrados dentro dessas organizações. Ou seja, acaba fazendo com que a sociedade também marginalize as organizadas, motivo pelo qual o torcedor passa a não confiar no trabalho do jornalista esportivo goiano. E isso reflete de imediato numa relação conturbada entre torcidas organizadas goianas e imprensa local.

Durante entrevista, os torcedores expressaram suas opiniões sobre o trabalho do jornalista esportivo goiano, como já demonstrado acima. E o que me preocupa é que esses torcedores estão sim, de certa forma, corretos. O jornalista esportivo goiano ainda é mal formado, não se interessa em ir a fundo nem quando se trata de checagem de informação, nem em estudos mais aprofundados para melhorar seu conhecimento e a qualidade de seu trabalho. Máxima que também não é exclusividade da mídia esportiva de Goiás.

[...] Consideramos, assim, importante e necessário o avanço dos estudos acadêmicos sobre futebol. Que continue retratando a importância social, mas que dêem conta de analisar as modificações que o futebol sofreu nos últimos anos, tanto em termo de organização como nos aspectos econômicos e sociais. (ESCHER; REIS, 2006, p. 51).

E, claro, o que mudou a organização do futebol, nos últimos anos, foi o crescimento

da torcida organizada e sua complexidade. Por ser um assunto complexo, cheio de influências externas, a torcida organizada, em especial a goiana, aqui objeto de estudo, precisa ser ainda mais entendida para que preconceitos fiquem de lado e resoluções aconteçam. Mas o problema é que ao invés de estudo, o que se tem na mídia goiana e brasileira é preconceito passado de geração para geração, por uma mídia que, apesar de parecer controverso, é sim má informada.

[...] Em um mundo no qual a sociedade passa de forma fragmentada pela televisão, com as notícias e os acontecimentos precisando da “telinha” para se legitimar, como estaria o futebol em nossa sociedade contemporânea? Não poderia estar diferente do mundo, pois, como já dissemos, o futebol é parte integrante de nossa cultura, sendo um dos nossos principais representantes. Por tanto, o futebol, como o encontramos hoje, aparece como mais um produto a ser consumido, e percebe-se que no Brasil esse consumo se dá principalmente via televisão. O futebol torna-se, então, mais uma imagem televisiva a ser consumida. (ESCHER; REIS, 2006, p.52-53).

Durante as entrevistas para o estudo de caso aqui desenvolvido, foi perguntado aos jornalistas se faltam punições dentro das torcidas para os membros que causam violência, que brigam nos estádios, por exemplo. Todos os jornalistas afirmaram que sim. A maioria sem nenhum tipo de conhecimento sobre o assunto, repassando essa informação tão consumida pela população goiana, como bem exemplificou Escher e Reis (2006) acima.

Poucos jornalistas consideraram, por exemplo, que não cabem às organizadas identificarem os marginais, esse é um serviço a ser cobrado da polícia e de outras autoridades da segurança pública goiana. Mas segundo os dirigentes das TOs ouvidos, quando eles identificam esses membros que participaram de alguma confusão, há sim punição. Essa punição varia de acordo com cada torcida específica, já que elas têm estatutos que preveem esse tipo de situação. Normalmente, as punições vão de suspensão por tempo determinado até a expulsão do membro da organização.

Para encerrar o assunto preconceito do jornalista esportivo com a torcida, vale ressaltar ainda que o preconceito existe na forma inversa também, apesar de ser em menor proporção. Assim como os torcedores acusam os jornalistas de generalizarem as organizadas, é perceptível que esses mesmos torcedores generalizam os jornalistas goianos e quase nunca os aceitam em seu meio.

Claro que esse posicionamento do torcedor é uma resposta ao que esses jornalistas dizem sobre as organizadas. Mas da mesma maneira é prejudicial e errôneo. Eu mesma, já tive problemas com torcedores da organizada do Vila Nova. Durante a apresentação de um programa esportivo local de televisão, critiquei um jogador específico e fui acusada de ser

contrária ao Vila, de torcer para o time rival e ainda fui ameaçada.

Tive problemas também quando comecei a coordenar o projeto desenvolvido com as organizadas de Goiás, em 2013. No primeiro momento, quando cheguei, fui deixada de lado e vista como inimiga, pelo simples fato de ser jornalista. Só com o passar do tempo fui aceita, quando eles perceberam que a minha intenção era ajudar.

Esse preconceito por parte dos torcedores fica claro durante as entrevistas. Termos como “os jornalistas esportivos deveriam ser mais corretos”, “desenvolvem um trabalho sensacionalista”, “deveriam ir mais atrás da informação”, “são tendenciosos aqui no estado”, “o papel do jornalista é divulgar os fatos, mas aqui eles já mostram e julgam”, foram usados com frequência. Apenas um torcedor reconheceu, por exemplo, que algumas rádios goianas fazem sim a cobertura das organizadas.

Ao explicar o preconceito por parte das organizadas com os jornalistas goianos, o que ainda não tinha sido citado aqui, fica claro que a relação em Goiás entre torcidas organizadas e jornalistas esportivos é sim complicada, como afirma o título deste trabalho. Perguntados sobre essa relação, os jornalistas disseram que “é conflituosa, já que as duas partes se indispõem”, “às vezes esse jornalista não está preparado para a crítica da torcida”, “o conflito é apenas por parte da torcida para o jornalista”. Outro resumiu bem: “não é amigável, é superficial, a imprensa não conhece as torcidas organizadas que não fazem questão de ter a imprensa do lado.”

Os torcedores também falaram que a relação não é tranquila, e que há momentos que as torcidas organizadas não aceitam a aproximação dos jornalistas, como quando as torcidas foram novamente proibidas, no início de 2013. Outro torcedor disse que a relação não é amigável porque ela simplesmente não existe, já que não há contato, nem conversa. Outras frases como “a imprensa não ajuda, só cobra”, “me sinto injustiçado pela mídia”, também foram usadas.

Se a imprensa e as torcidas goianas só discordaram até aqui, em um único ponto concordam: quanto a omissão do poder público. A mesma pergunta foi feita tanto para os profissionais da imprensa quanto para os torcedores: se faltam ações do poder público com as organizadas e para garantir a segurança do torcedor. A resposta foi unânime, em que todos os membros dos dois grupos entrevistados concordam que sim.

Como apontado no capítulo 2, na parte teórica deste trabalho, o Estádio Serra Dourada é muito pouco estruturado para receber o torcedor goiano. Sendo assim, fica claro como parte da violência latente entre as torcidas do estado acontece mesmo por culpa da inoperância dos órgãos públicos.

[...] Nossas pesquisas concluíram que os indivíduos simpatizantes da violência encontravam no estádio de futebol um lugar permissivo para seus atos transgressores [...] Em nenhum momento consideramos que a violência relacionada ao futebol é intrínseca a ele, mas percebemos que os indivíduos encontram nos estádios um ambiente favorável para agir sem o risco de serem punidos. (ESCHER; REIS, 2006, p. 91-92)

E não só o Serra Dourada é permissivo, a polícia goiana também não desenvolve um trabalho de prevenção, de inteligência. E ainda é acusada pelos torcedores de ser violenta.

[...] É interessante notar no ambiente do futebol brasileiro (estádio e seu entorno) que, diante de excessos de autoridade e de violência dos agentes de segurança pública, o instrumento utilizado pelos torcedores também é o apelo à violência física ou à violência simbólica, expressa em canções agressivas e xingos. (ESCHER; REIS, 2006, p. 68).

Vale lembrar que, tanto os jornalistas quanto os torcedores, apontaram também a omissão da Federação Goiana de Futebol, do Ministério Público, do poder judiciário e, ainda, a omissão dos clubes de futebol. Mesmo as torcidas existindo para dar apoio ao time, quando passaram a causar problemas devido à violência, foram deixadas de lado por eles.

Em Goiás, por exemplo, em outubro do ano passado, houve briga dentro do estádio Serra Dourada entre torcedores do time do Goiás e do Atlético Paranaense, em jogo válido pelo Campeonato Brasileiro. Em pronunciamento sobre os atos de vandalismo, o então presidente do clube goiano, João Bosco Luz, ameaçou processar a organizada do Goiás, pedindo ressarcimento em dinheiro para custear o que o clube estava gastando na Justiça Desportiva para se defender.

É uma total inversão de valores, como se o clube não existisse apenas porque há torcida. Como se esses mesmos clubes goianos já não tivessem se aproveitado das organizadas, notícias sobre dirigentes que compraram torcidas organizadas para conseguirem apoio e cargos não são raras em Goiás.

A única atitude que vem sendo tomada nos últimos anos em Goiás quanto às torcidas organizadas, por parte do poder público, é a constante proibição dessas associações dentro dos estádios goianos. Sempre que há um episódio de violência, o Ministério Público (MP) busca o poder judiciário tentando impedir as torcidas de frequentarem as arenas esportivas, como também, de se organizarem, de se reunirem, usar uniformes ou qualquer outro adereço que faça alusão às organizadas.

Em 2012, uma ação civil pública pediu a suspensão das torcidas por 30 dias. Em fevereiro do ano passado, a justiça acatou liminar do MP e suspendeu as atividades das

organizadas por tempo indeterminado. Lembrando que elas estão proibidas enquanto durar o trâmite da ação, que solicita a paralisação dessas organizações por cinco anos.

O MP age dessa maneira, juntamente com o judiciário, apesar dos dois terem assinado conjuntamente com a FGF, PM, torcidas, os clubes da capital, Agência Goiana de Futebol, Ministério dos Esportes, um termo de ajustamento de conduta (TAC), em 2011, que visava esforços para garantir a segurança do torcedor e a prevenção da violência no Estádio Serra Dourada. Mas o que obrigava o TAC, como o cadastramento das torcidas, financiado pelo Ministério dos Esportes, nunca foi retirado do papel.

A realidade nesse início de 2014 é as torcidas proibidas e nenhum cadastro oficial realizado. Se com essas atitudes constantes, os órgãos que deveriam ser responsáveis pela segurança do torcedor acreditam estar dando respostas à sociedade e resolvendo o problema, afastando as organizadas dos estádios goianos, a realidade não é essa. Apesar da proibição, durante o estudo foi possível ver que os torcedores continuam indo aos estádios. Perguntados como eles estão se comportando com mais essa proibição, 100% responderam que nada mudou.

Respostas como “nunca deixei de acompanhar um jogo do Vila Nova, com proibição ou não”, “não é proibição de camisa ou faixa que vai tirar minha paixão pelo Goiás”, “só não vou em jogo se não tiver jogo”, foram relatadas por esses torcedores. No entanto a pergunta é: se o MP goiano, a Justiça do estado e demais órgãos aprovam a proibição das torcidas por acreditarem estar ali o problema da violência no futebol, mas essa pesquisa comprova que nenhum torcedor se afastou dos estádios, do que adianta a proibição?

[...] Apesar de proibida a participação explícita de torcedores organizados, eles ainda estavam presentes de forma camuflada, sem os objetos que os identificavam, mesmo sendo facilmente identificáveis por seu comportamento e por sua localização no estádio. [...] (ESCHER; REIS, 2006, p. 80).

Sim, os torcedores membros das organizadas continuam ali, facilmente identificáveis, mas agora como não existem judicialmente, já que estão proibidos enquanto organização, fica muito mais fácil não culpar o poder público por aquilo que acontece dentro e nas imediações dos estádios. O poder público lava as mãos, mas o problema da violência no futebol continua ali. Continua aqui em Goiás, como citamos os atos de violência durante o Campeonato Brasileiro, em outubro de 2013, oito meses depois da atual proibição das organizadas do estado.

[...] A violência no futebol tem de ser entendida, primeiramente, como um problema

de origem social, muito maior do que simplesmente a existência ou não de torcidas organizadas. [...] A simples extinção dessas torcida pode ter um efeito pacificador imediato [...], porém, de forma alguma, conseguirá acabar com a violência no futebol e, o que é ainda pior, pode transformar-se em um desencadeador de violência. (ESCHER, REIS, 2006, p.80-81).

5.1. Números

JORNALISTAS GOIANOS	TORCEDORES GOIANOS
50% são contrários às torcidas organizadas.	100% acham que a mídia coloca a sociedade contra as torcidas organizadas.
33,3% são a favor das organizadas, mas com ressalvas.	_____
16,6% são a favor das torcidas.	_____
100% acham que as torcidas organizadas precisam de mudanças para diminuir a violência.	100% acham que as torcidas organizadas precisam de mudanças para diminuir a violência.
50% apontam falhas no trabalho da mídia esportiva goiana.	100% dos torcedores criticam o trabalho dos jornalistas goianos.
66% acreditam que falta espaço na mídia para pautas sobre torcidas organizadas, principalmente pautas positivas.	100% acreditam que falta espaço na mídia para pautas sobre torcidas organizadas, principalmente pautas positivas
Segundo média, os jornalistas acreditam que 46,3% dos torcedores das organizadas são bandidos.	Segundo média, os membros das duas principais torcidas de Goiás acreditam que 13,7% dos torcedores das organizadas são bandidos.
100% acham que faltam ações do poder público com as organizadas e para garantir a segurança do torcedor.	100% acham que faltam ações do poder público com as organizadas e para garantir a segurança do torcedor.
33% não sabiam que as torcidas organizadas goianas estavam proibidas por liminar desde fevereiro de 2013.	100% continuam indo nos estádios mesmo com a liminar proibindo as organizadas desde fevereiro de 2013.

5.2. Características dos entrevistados

O estudo de caso aqui apresentado foi desenvolvido depois de entrevistas com torcedores e jornalistas goianos. Durante essas entrevistas, não foram registrados os nomes desses entrevistados, até para que eles não se inibissem e pudessem falar sem nenhum medo de represália.

Mas apesar dos nomes não terem sido recolhidos, antes das entrevistas, tanto os torcedores quanto os jornalistas, responderam perguntas para que fosse possível, então, fazer uma análise de acordo com o tempo de estudo, faixa etária e outras características, assim chegando ainda mais fundo e entendendo o porquê de cada opinião.

Sobre os jornalistas, ficou claro durante as entrevistas que os profissionais da mídia mais radicais, aqueles totalmente contrários às organizadas e até, de certa forma, preconceituosos, são os jornalistas mais velhos e com menos tempo de estudo. A média de idade dos 50% dos jornalistas contrários às torcidas organizadas é de 36 anos, enquanto aqueles que se mostraram mais maleáveis e, de certa forma a favor desses torcedores, tem média de idade de 27 anos, quase 10 anos a menos, o que significa outra formação cultural e profissional.

Os jornalistas contrários às TOs apresentaram ainda menos tempo de estudo, apenas um dos três entrevistados com essa opinião tem curso superior, mas, ao mesmo tempo, eles têm mais experiência, trabalharam em mais veículos de comunicação, apesar dessa experiência não ser refletida em mais conhecimento. Já os jornalistas que se mostraram a favor das organizadas, todos possuem curso superior e ainda um pouco mais, ou já estudaram outras línguas ou investiram em pós-graduação.

O que demonstra, para mim, que o preconceito é realmente diminuído quando a educação entra em campo. Assim como acredito ser diminuído a violência no futebol com o apoio da educação, como já demonstrado na parte teórica deste trabalho, embasado em estudos de pesquisadores do tema.

Quanto aos torcedores entrevistados, um detalhe merece destaque. Todos eles trabalham, metade cursou ou cursa o ensino superior, e a outra metade tem o ensino médio. Informações que colaboram para a minha ideia, e dos demais estudiosos aqui apresentados, que afirmamos ser apenas falácia e preconceito marginalizar os membros das torcidas organizadas, assim como acreditar que esses membros são em sua maioria bandidos.

5.3. História das organizadas goianas

Durante a ideia dessa pesquisa, um dos objetivos era descortinar a história do futebol goiano (já apresentada acima) e das próprias torcidas organizadas de Goiás. Vale enfatizar que muito se fala, em especial contra as torcidas organizadas, e pouco se sabe sobre elas.

Por isso, durante as entrevistas realizadas com membros das torcidas do estado, foram feitas perguntas sobre a história dessas associações e como se dá a hierarquia dentro delas. A intenção era mesmo aproveitar o momento para levantar mais informações e colaborar assim para o conhecimento histórico do futebol em Goiás. Abaixo um pouco de cada organizada estudada durante esta pesquisa.

Dragões Atleticanos: Segundos os torcedores, a atual torcida do Atlético Clube Goianiense começou depois que a torcida Máfia Atleticana foi extinta, devido a um pedido de extinção por parte da Justiça goiana. Juntaram-se então os ex-membros da Máfia, juntamente com outros grupos de torcedores (como a galera do Betão). O primeiro presidente da Dragões foi o ex-presidente da Máfia Atleticana. A data de início da Dragões Atleticanos é o dia 17 de julho de 2009. A torcida atleticana é dividida por zonas, sendo seis existentes: leste, oeste, norte, sul, central e Aparecida de Goiânia. A torcida tem um presidente, um vice, diretores geral, de bateria e financeiro.

Esquadrão Vilanovense: A atual torcida do Vila Nova Futebol Clube é apenas o reorganização da torcida Comando Vermelho, que existiu no início dos anos 90. Devido ao seu nome que fazia referência a outras torcidas violentas, a Comando teve seu pedido de extinção pela Justiça goiana e então nasceu a Esquadrão Vilanovense em 17 de junho de 1994. A torcida colorada é dividida em comandos, sendo mais de 40 comandos em toda a região metropolitana. A Esquadrão possui um presidente, vice, diretor geral, diretor financeiro e ainda tem um colegiado de 10 membros que se reúnem para tomar as decisões da torcida. Vale destacar ainda que o Vila Nova possuiu outra torcida organizada, denominada Sangue Colorado. A Sangue nasceu de dissidentes da Esquadrão, no ano de 2005. Membros das duas torcidas são declaradamente inimigos. No entanto, a Sangue Colorado nunca existiu de fato, nunca foi cadastrada, e vive na ilegalidade, sem que seus membros sejam conhecidos, por isso a Sangue foi pouco abordada durante este trabalho.

Força Jovem: Assim como as outras duas torcidas, a atual torcida do Goiás Esporte Clube começou depois que a antiga torcida Inferno Verde foi proibida em Goiás. Ex-membros da torcida extinta se uniram e criaram a Força jovem em 23 de maio de 1997. O ex-presidente

da Inferno foi também o primeiro presidente da Força Jovem. A torcida atual é dividida por regiões, são sete regiões só em Goiânia, fora outras na região metropolitana e também no sul do estado. A Força Jovem tem um presidente, vice, diretor administrativo e diretores que coordenam cada região.

CONCLUSÃO

Sou filha de um pai de três mulheres que sempre quis ter ao menos um filho homem, mas nunca teve. Desde criança, lembro-me do meu pai, Atlético Goianiense doente, gostar de futebol, nos levar para os estádios, mas apenas como companhias. Mas se Seu Gomes queria um filho homem que gostasse de futebol, de maneira torta conseguiu. Teve uma filha mulher simplesmente apaixonada por esse esporte.

Como para a maioria dos brasileiros, o futebol para mim significa muito. Sabe aquela frase famosa do treinador Bill Shankly: “o futebol não é uma questão de vida ou de morte. É muito mais do que isso”. Para mim faz todo o sentido. O futebol na minha vida é meu ganha-pão, meu hobby, meu estudo, meu futuro.

Se para os mais críticos soa inadmissível que uma bola, com 11 jogadores de cada lado, e um juiz entre eles apitando, possa ter significado tamanho, para mim e grande parcela da sociedade brasileira, o futebol é sim sentido de vida e tem um valor imensurável. Então, é indiscutível que, com todo o poder que o futebol exerce, em especial no Brasil, ele é sim uma arma, que pode ser usada ou para o bem, o para o mal.

Com este trabalho o que se pretendeu foi demonstrar que algo pode e precisa ser feito para que o futebol seja apenas uma arma para levar o povo brasileiro, em especial a juventude, sendo ela goiana ou não, a uma sociedade melhor. Fazer do futebol um caminho de acesso à cultura, estudo, formação profissional é o meu sonho. Porque acredito que o futebol como pano de fundo pode sim colaborar para distribuição de renda e para o acesso dos menos favorecidos às novas tecnologias.

E isso não significa fazer com que todos os meninos e meninas que sonham em ser astros do esporte realizem esse sonho. Quer dizer que o futebol precisa ser um chamariz para atrair nossa juventude para aquilo que pode significar um futuro melhor. Para isso, o futebol tem de ser apenas aquilo que nasceu para ser: “e, se há necessidade de pontuar alguma finalidade para os grupos de esportes, essa seria a de dar prazer às pessoas” (ESCHER; REIS, 2006, p. 27).

E, para mim, tirar da juventude goiana o direito de sentir esse prazer, de torcer e fazer parte das torcidas organizadas é no mínimo um contrassenso. É fazer do futebol que pode ajudar a resolver os problemas da sociedade, um vilão, ou melhor, um bode expiatório daqueles que se assumem incompetentes para lidar com o problema (poder público, CBF, federações estaduais, justiça desportiva). O futebol é apenas a síntese e o reflexo do que é nosso país.

O futebol tanto explica a sociedade, que muitos dos estudiosos do assunto ou são sociólogos, como o próprio Murad (2007), ou se baseiam em teorias sociológicas para trazer explicações até mesmo para os problemas referentes a ele, como a violência nas torcidas organizadas e a falta de acordo de ideias entre jornalistas esportivos e torcedores.

Ficou claro durante o estudo de caso aqui desenvolvido, que a relação das torcidas organizadas goianas com os profissionais da mídia do estado é realmente conturbada pela existência do preconceito, em especial, o preconceito da mídia com os torcedores, que acaba desenvolvendo o preconceito dos torcedores com a mídia também. Portanto, é possível entender, que o caminho para um futebol de qualidade é a diminuição do preconceito, que só chegará com ações que colaborem para a diminuição da violência no futebol.

Aqui, vale enfatizar que todas as três organizadas objeto de estudo desse trabalho começaram de outras torcidas proibidas por atos de vandalismo e demais problemas com a Justiça. O que vem comprovar mais uma vez minha opinião de que não adianta proibirem as torcidas, elas se reinventam. Não adianta achar que com atitudes superficiais o problema da violência no futebol será resolvido. É preciso ações conjuntas, complexas e que cheguem ao cerne do problema. É preciso um Brasil, um estado de Goiás, e não apenas uma imprensa, sem preconceito.

O que não se pode aceitar é um presidente de clube que deixe sua torcida de lado e ainda seja preconceituoso. Durante entrevista, depois de brigas da torcida do Goiás, o então presidente João Bosco Luz chegou a dizer que processaria a organizada do time, que, diga-se de passagem, já estava proibida, e pediria a Federação Goiana de Futebol que retirasse a promoção que permitia o acesso do torcedor de baixa renda aos estádios. A culpa da violência no Serra Dourada é do torcedor pobre, presidente?

É preciso investimento, estádios seguros, polícia preparada. É preciso interesse do poder público, das federações de futebol, dos clubes, pelos quais essas torcidas se doam e existem. É preciso educação, emprego. É preciso pesquisas. É preciso interesse e não descaso. É preciso não ter medo de falar. É preciso cortar a própria carne!

Sou jornalista e sei que essa pesquisa, onde em sua maioria culpo o jornalista pela relação complicada com as torcidas organizadas goianas, talvez não seja bem recebida pelos amigos da imprensa. Mas o que está em questão aqui não é agradar imprensa, torcida, clube, poder público. É salvar o futebol brasileiro, que este ano recebe a Copa do Mundo. É salvar em especial o futebol goiano, sua história e sua imagem. Para isso, é preciso mais estudos e ainda mais ações.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. In: WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Ed. 6°. Lisboa: Presença, 2001.

ANUNCIÇÃO, Sílvio. **Estudo isenta torcidas organizadas por violência nos estádios**. Jornal da Unicamp. Campinas: edição 09, p. 01 Reportagem. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/548/estudo-isenta-torcidas-organizadas-por-violencia-nos-estadios>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2013.

ATHAYDE, Phydia. **No anonimato da multidão**. Reportagem. Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/materia_torcidas.html>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

_____. (2013). **Atlético Goianiense**. Disponível em: <<http://www.atleticogoianiense.com.br/index.php?r=universal/view&id=1>> Acesso em: 30 de dezembro de 2013.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. 2. São Paulo: Ibrasa, 1990.

Campeões do Futebol. Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/goias_historia.html>. **Acesso em: 30 de dezembro de 2013.**

CANALE, Vitor dos Santos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer**. Dissertação. Campinas: 2012.

CARVALHO, Alexandre Irineu; MARCHI, Francisco Luis de. **Futebol: História e bastidores de uma paixão nacional**. Goiânia: Ed. Vieira, 2006.

COELHO, Paulo Vinícius de Mello. **Jornalismo Esportivo**. Coleção Comunicação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. (2013). **Dicionário online de português**. Disponível em: <www.dicio.com.br/imparcial/> Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

_____. (2013). **Entrevista com Maurício Murad**. Reportagem. Disponível em: <<http://atualidadesdodireito.com.br/iab/mauricio-murad/entrevista-com-mauricio-murad-autor-do-livro-%E2%80%98para-entender-a-violencia-no-futebol%E2%80%99/>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

ESCHER, Thiago de Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**. Brasília: Liber Livros, 2006.

_____. **Estatuto do Torcedor**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.html>. Acesso em: 29 de dezembro de 2013.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GAMA, Felipe. **A relação entre jornalistas esportivos e clubes de futebol.** Artigo Acadêmico. Porto Alegre, 2013.

_____. (2013). **Goiânia Esporte Clube.** Disponível em: <<http://www.goianiaesportecube.com.br/>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2013.

_____. (2013). Goiás E.C. Disponível em: <<http://www.goiasec.com.br/>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2013.

GOMES, Monara Marques Cardoso; RODRIGUES, Larissa Cristina; SOUSA, Thaís Rosana Franco. **Os donos da bola.** Dissertação. Goiânia, 2010.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.** São Paulo: Contexto, 2010.

JARY, Marcus. **O Futebol Profissional e a Cidade de Goiânia: Análise das Articulações entre Processo de Urbanização e as Torcidas Organizadas.** Projeto de Pesquisa. Goiânia: 2008.

JEUKEN, Bruno. **Torcidas Organizadas (Parte 2/3) – A violência como forma de expressão. Disponível em:** <<http://futebolememoria.com/2011/05/03/torcidas-organizadas-parte-23-a-violencia-como-forma-de-expressao/>> Acesso em: 07 de dezembro de 2013.

MALCOLM, Janet. **O jornalista e o assassino.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1990.

MARQUES, Cláudio. **Direitos do Torcedor.** Reportagem. Disponível em: <<http://marinasantanna.com/2013/06/18/situacao-das-torcidas-e-direitos-do-torcedor-sao-tema-de-agenda-de-paulo-castilho-em-goiania/>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das Teorias da Comunicação.** São Paulo: Loyola Jesuítas, 1999.

MICHAEL, Raphael. **Entre vitórias e derrotas: a guerra das torcidas.** Osasco: Novo Século Editora, 2010.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol.** São Paulo: Benvirá, 2012.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol: Dos estudos clássicos aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NOBLAT, Ricardo. **Sobre a imparcialidade do jornalista.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/03/20/sobre-imparcialidade-do-jornalista-8-anos-de-blog-436592.asp>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

_____. (2013). Os Estudos Culturais. Disponível em: <<http://unianhanguera.blogspot.com.br/2012/11/os-estudos-culturais.html>>. Acesso em: 29 de

dezembro de 2013.

RABELO, **Thiago. Maioria dos envolvidos em assassinatos continua solta.** Reportagem. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidades/maioria-dos-envolvidos-em-assassinatos-continua-solta-1.292823>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2013.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência.** Campinas: Autores Associados, 2006.

Revista do Campeonato Goiano de 2009. Ano 2. n 2. Goiânia: São José Gráfica e Editora, 2009.

RODRIGUES, Nelson. **Mário Filho, o criador das multidões.** Rio de Janeiro: Europa, 1987. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewArticle/198/1337>> . Acesso em: 25 de outubro de 2009.

RODRIGUES, Willian. **Metodologia Científica. Disponível em:** <http://pesquisaeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/64878127/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

RONDINELLI, Paula. **Torcida Organizada não é sinônimo de violência e sim de organização e torcer verdadeiramente pelo seu time.** Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao-fisica/torcidas-organizadas.html>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2013.

_____. (2013). **Teoria do jornalismo.** Disponível em: <<http://teoriadojornalismouniube.blogspot.com.br/2010/11/teoria-do-espelho.html>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol.** Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo Esportivo. Relatos de uma paixão.** São Paulo: Saraiva, 2009.

VESSONI, Rodrigo. **Brigas ligadas ao futebol já fizeram 155 vítimas fatais em todo Brasil. Reportagem.** Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Especial-Faccoes-mataram-pessoas-Brasil_0_674932706.html#ixzz2mFcMvzPl>. Acesso em: 01 de dezembro de 2013.

_____. (2013). Vila Nova F.C. Disponível em: <http://www.vilanovafc.com.br/index.php/2012-07-04-11-49-28/historico>. Acesso em: 30 de dezembro de 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1995.

ZANIN, Luiz. **O jornalista e o assassino.** Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/luiz-zanin/o-jornalista-e-o-assassino/>. Acesso em: 16 de dezembro de 2013.